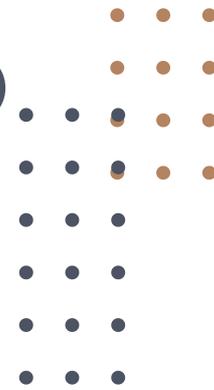


A BACIA DO MERCADO. DE SANTOS E O FRONTISPÍCIO DE SAÍDA DO RIO DOS SOLDADOS



O QUE ESSE MATERIAL ABORDA?

APRESENTAÇÃO

1. CONTEXTO HISTÓRICO

1.1 A CIDADE NO CENÁRIO BRASILEIRO DO SÉCULO

1.2 SATURNINO DE BRITO E OS CANAIS SANTISTAS: A MARCHA SOBRE O MANGUE

1.3 MODERNIZAÇÃO E ABASTECIMENTO EM SANTOS: A BACIA DO MERCADO

2. DIAGNÓSTICO DE SITUAÇÃO

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA E PROTEÇÃO LEGAL

2.2 PARTIDOS ARQUITETÔNICOS

2.3 PATRIMÔNIO EDIFICADO

3. BIBLIOGRAFIA

APRESENTAÇÃO

Este texto traz o contexto histórico e social da Bacia do Mercado e do frontispício de saída do Rio dos Soldados, integrando o escopo do “Plano de Gestão do Patrimônio Cultural do Sistema Viário da Margem Direita do Porto de Santos, SP”.

A pesquisa foi realizada entre os anos de 2008 e 2014.

1. BACIA DO MERCADO E FRONTISPÍCIO DE SAÍDA DO RIO DOS SOLDADOS

1.1 A CIDADE NO CENÁRIO BRASILEIRO DO SÉCULO XIX

O século XIX, além de consolidar no mundo ocidental uma economia puxada pela atividade industrial e, com isso, o inchamento das grandes cidades, viu também o surgimento de preocupações novas a respeito do ordenamento urbano. As próprias idéias de conforto e de bem viver sofreram alterações significativas, o que implicou em movimentações diferenciadas das populações no corpo das cidades e pesou na construção de novas tendências urbanísticas. Embora os espaços fossem especializados desde muito, é na virada do século XVIII para o seguinte e ao longo do XIX que as cidades brasileiras, sobretudo as maiores, passam a segmentarem cada vez mais suas áreas.

Talvez mais do que a especialização ou não dos espaços, o que ocorre nesta transição entre os séculos XIX e XX é uma mudança na natureza das segmentações. Se até então os elementos de especialização fossem dados mais a natureza das atividades – bairros ou ruas de comércio, de atividades segregadas como as sanitárias, médicas, funerárias, bairros de administração ou moradia – o que se vê já no começo do século XIX é a organização cada vez maior em função do poder econômico e da classe social.

Até meados do século XIX em São Paulo, por exemplo, em quarteirões muito próximos poderiam viver aristocratas e negros forros, como efetivamente ocorria com a casa da Marquesa de Santos tão próxima do largo do Rosário, ponto de encontro de negros, escravos ou forros, muitos morando no entrono da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Mas isso paulatinamente se alterou, sobretudo com a mudança do perfil e função das cidades, bem como dos grupos econômicos ascendentes.

Efetivamente, o século XIX viu uma paulatina perda de influência das elites rurais ou, ao menos, um compartilhamento do poder com as elites urbanas (FREYRE, 2003). Muitas das famílias não perderam o poder, mas transferiram suas bases de atuação das fazendas para as cidades, dando origem ao que Gilberto Freyre chamou de “patriarcado urbano” (FREYRE, 2003). Essa mudança compôs toda uma reordenação cultural, que afetou homens e espaços, o que significa dizer que mudou tanto a forma de viver quanto as formas das cidades.

Além das preocupações sanitárias advindas, em parte, das novas descobertas da medicina e da biologia, a reordenação urbana atendia também a princípios de uma divisão melhor dos espaços urbanos a partir de princípios sócio econômicos mais evidentes. A vitória da ideologia burguesa após o período revolucionário do final do século XVIII e começo do XIX trouxe um universo de novos hábitos que foram rapidamente assumidos também pela nobreza e ansiados pelas classes trabalhadoras (HOBBSAWM, 2002).

Por outro lado, também a burguesia se enobreceu, buscando títulos e padrões de consumo que a diferenciassse assim como haviam diferenciado a nobreza. Isso implicava em morar melhor, em, sobretudo, ostentar sua moradia.

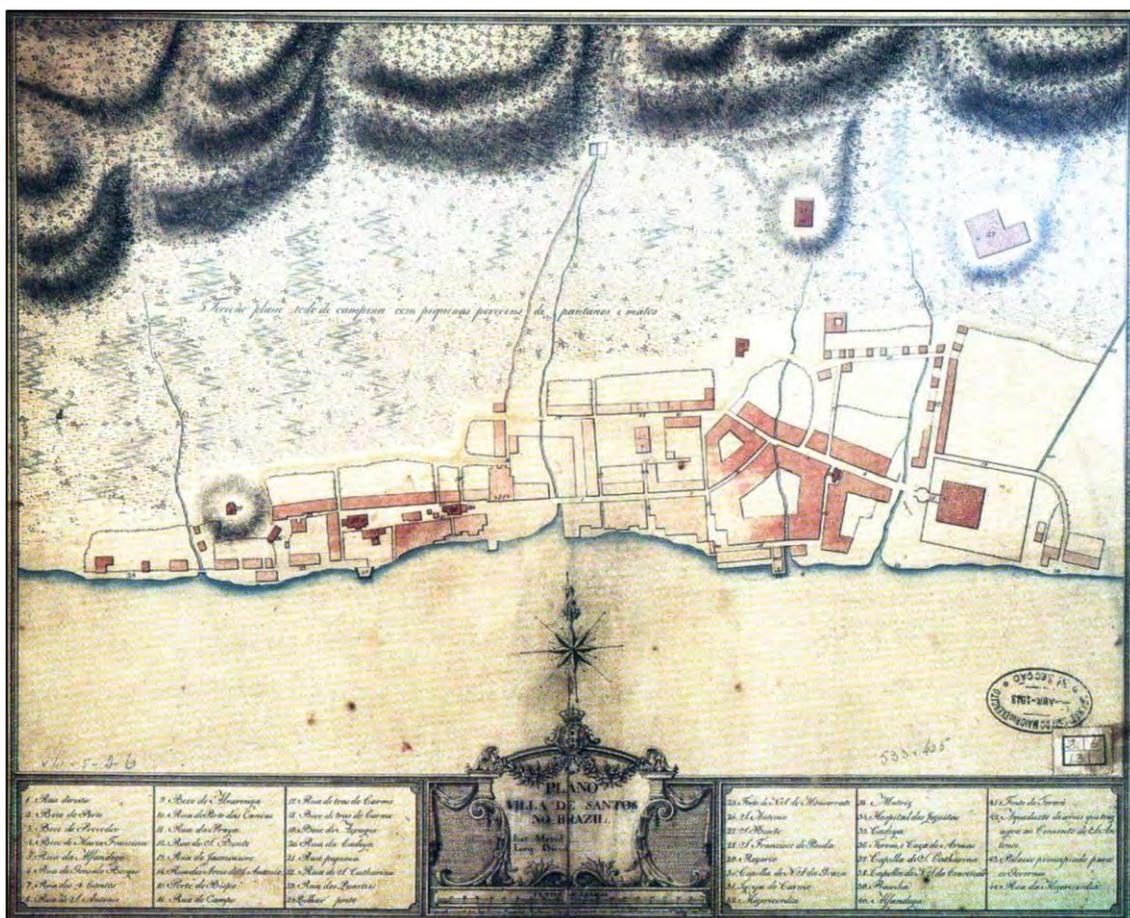
Mas, como fazer isso em cidades que mantinham sua feição colonial, com espaços estreitos e consideradas, desde então, bastante enfermizas? Os espaços nas cidades, pois até então a lógica de ocupação havia sido a de concentração em áreas estritas (até mesmo por questões de segurança), estavam praticamente todos ocupados e sem possibilidades de grandes expansões sem invadir áreas menos propícias a ocupação ou que exigissem alterações na conformação original.

As cidades brasileiras, até o início do século XIX, tinham primado pela lógica do que Sérgio Buarque de Holanda chamou “do semeador” (HOLANDA, 1997), mas com a expansão das cidades e a especialização sócio econômica de suas áreas não era mais possível simplesmente se moldar as vicissitudes dos terrenos. As expansões urbanas dependiam basicamente de duas coisas: tornar as cidades mais seguras, sobretudo no que diz respeito às epidemias de febres (LOPES, s/n), e ampliar as áreas de loteamento, principalmente para receber as famílias que se deslocavam do interior para a cidade, ou as que saíam dos centros coloniais para as periferias, em busca dos ideais de conforto da burguesia, o relativo isolamento e a salubridade.

1.2 SATURNINO DE BRITO E OS CANAIS SANTISTAS: A MARCHA SOBRE O MANGUE

Apesar das transformações na cidade e de seu renascimento econômico como grande porto de São Paulo a partir da restauração da capitania, em 1765 (BELLOTTO, 1979), Santos, em meados do século XIX, mantinha sua feição de cidade colonial, marcada por uma concentração urbana apenas no entorno do Valongo e da Alfândega (onde está o Outeiro de Santa Catarina).

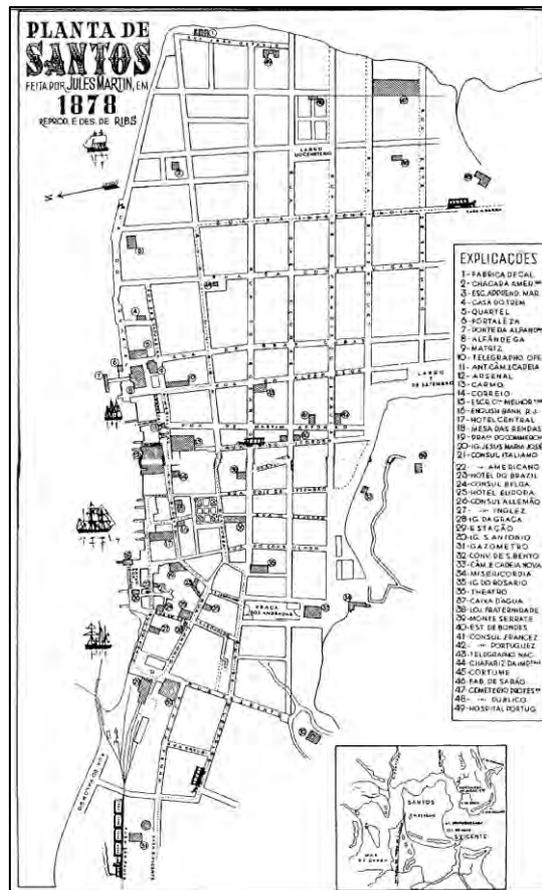
Para além da área ocupada pelo porto e seus arrabaldes, Santos apresentava uma topografia extremamente acidentada, com grande seqüência de morros e permeada por córregos, ribeirões e áreas alagadiças, característica de sua geomorfologia. Este conjunto de fatores naturais, acrescido do clima tropical e da concentração de pessoas envolvidas nas atividades portuárias, se afunilava justamente no recorrente problema das enfermidades e da impossibilidade de expansão da malha urbana sobre as áreas adjacentes.



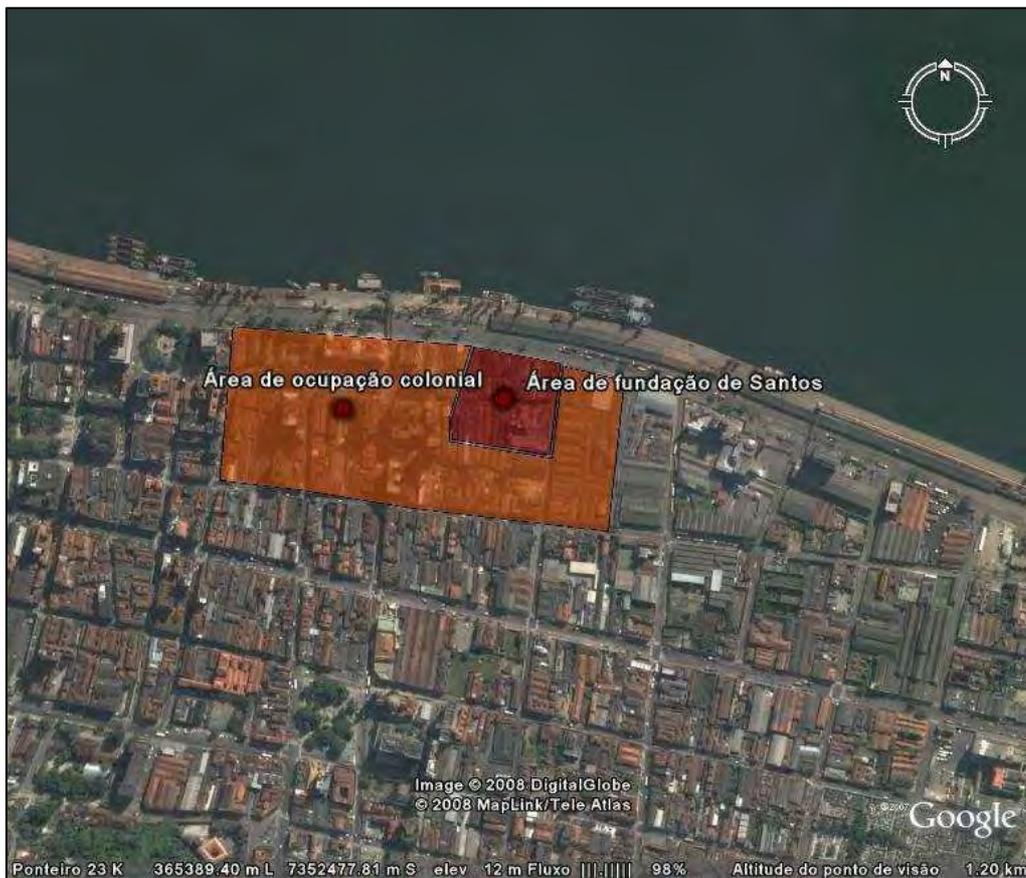
Plano de Santos em 1798.



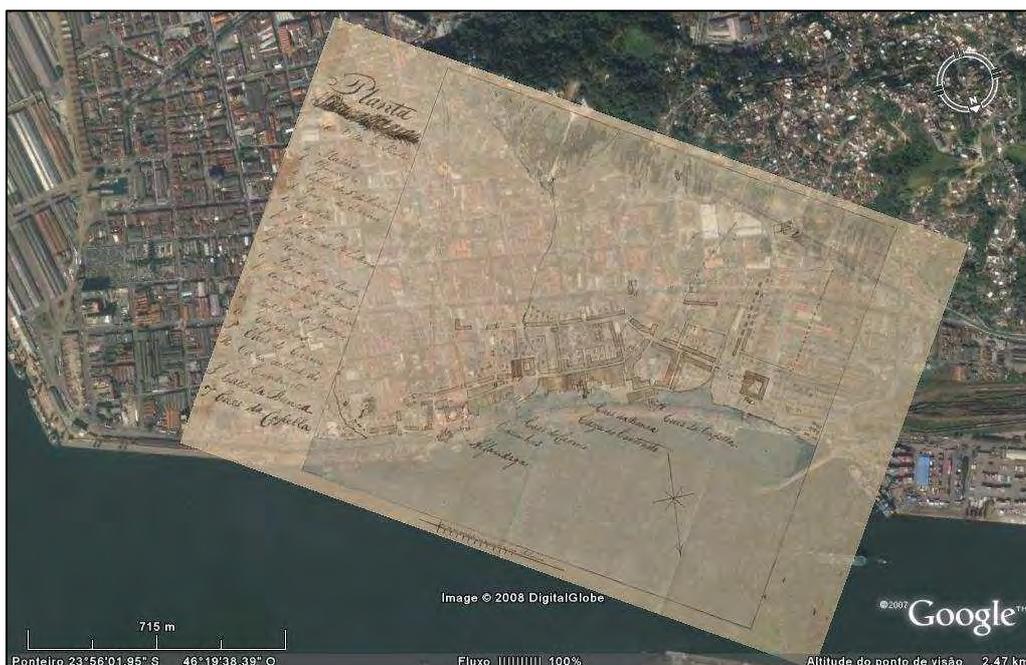
Planta de Santos em 1812



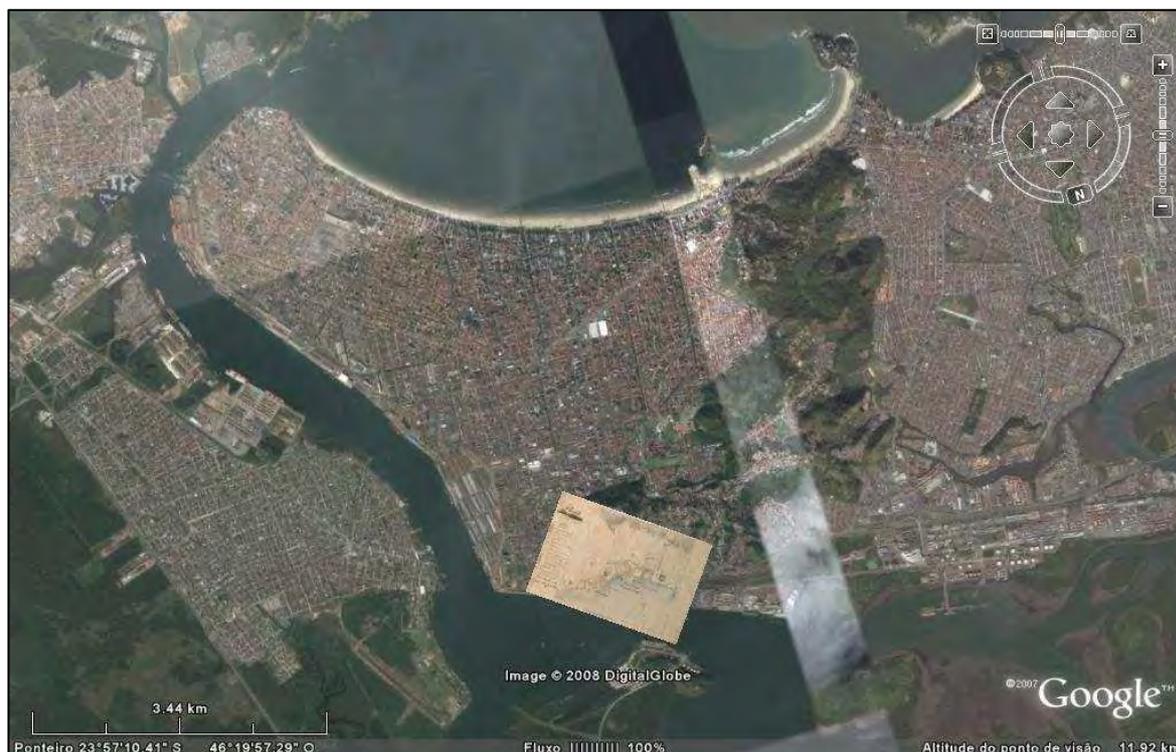
Planta de Jules Martin em 1878.



Em destaque sobre a imagem atual da cidade a área de fundação (em vermelho) e a área de ocupação colonial (em laranja).



Sobreposição da planta da cidade de Santos em 1812 com a imagem da cidade atual.



Comparação do núcleo urbano no início do século XIX com a área urbanizada atual.

Portanto, a expansão das áreas habitáveis em Santos, e mesmo a expansão dos negócios na cidade, dependiam da solução para o problema causado por ambas as barreiras naturais: o terreno montanhoso e a rede hidrográfica.

A transformação do porto de Santos num grande portal de escoamento da produção açucareira paulista (do quadrilátero do açúcar, MENDES, 1994, ZANETTINI, 1998, PETRONE, 1968), na primeira metade do século XIX, e da produção cafeeira do oeste do estado, já no último quartel do século XIX (BERNARDINI, 2003), acentuava a pressão sobre o governo da província de São Paulo para a tomada de soluções sanitárias na cidade.

Contudo, efetivamente, apenas na última década do século XIX, já no período republicano, é que o estado de São Paulo tomou as primeiras iniciativas com o objetivo de sanear e possibilitar a expansão da área urbana de Santos para além de seu núcleo colonial. É claro que pontos isolados, pequenas manchas de ocupação, haviam se formado durante os séculos para além da região do Valongo e da Alfândega, porém não podiam ser consideradas expansões da área urbana, muito menos de modo planejado.

Já nos primeiros anos da república, em 1892, a Companhia Docas de Santos recebe a concessão de administração do porto da antiga Gafrée, Guinle e Cia (a Companhia Docas era o

nome novo para a sociedade criada em 1886 para concorrer na licitação aberta para administração do porto de Santos e execução de obras de ampliação e melhoria). Isto ocorreu num momento quase simultâneo à contratação do engenheiro da Universidade de Cornwell, Estevan Fuertes, para a criação de um plano de saneamento para a cidade de Santos. Tanto a modernização do porto quanto a contratação do plano de Fuertes chegavam após praticamente quinze anos de pressões pela modernização e ampliação dos portos brasileiros que, já naquela época, representavam um entrava para o aumento da produção nacional (BERNARDINI, 2003: 98 e seguintes).

Um relatório de 1891, emitido pelo presidente da Câmara Municipal, José Xavier Carvalho de Mendonça, indicava a necessidade de diversas obras com diversos objetivos:

“Intendente Ernesto Candido Gomes indicou que se representasse ao Ministério da Agricultura, sobre a necessidade do prolongamento das obras do cais em construção até Paquetá, prolongamento reclamado:

1º. Pela higiene da cidade, fazendo assim desaparecer o mau cheiro do fundo do porto por ocasião das marés baixas e o fermento dos detritos que ficam expostos aos raios solares.

2º. Pela facilidade do movimento de carga e descarga das mercadorias.

3º. Pela necessidade da construção de um mercado para peixes, servindo por uma doca para canoas e pequenas embarcações.

4º. Pelo embelezamento da parte leste da cidade.

Ministro da Agricultura – Gal. Francisco Glicério – dec. 966 de 7 de novembro de 1890 autorizou aos concessionários das obras do melhoramento do porto de Santos a prolongar as obras do cais até o Paquetá...” (CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS, apud: BERNARDINI, 2003: 99-100)

Perceba-se que neste parecer de 1891 já está mencionada a necessidade de construção de duas obras específicas na região do Paquetá, e que são importantes no plano de expansão e melhoria da região santista: a doca de canoas e pequenos barcos, e um mercado.

Apesar da modelagem do plano, o projeto de Estevan Fuertes jamais se concretizou, em função de disputas políticas que permearam todo o processo. Em 1894, mesmo ano em que Fuertes – já nos EUA – divulgava seu relatório e o orçamento de execução da obra, Theodoro Sampaio, engenheiro consultor do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, alertava para dois problemas: a dificuldade de se sanear uma região tão pantanosa quanto Santos e o risco que isso significava – por conta das epidemias - para os milhares de imigrantes que chegavam e

deviam se hospedar na região portuária de Santos (que também debatia nesta época a melhor localização para a Hospedaria dos Imigrantes, a ser edificada).

Na última década do século XIX diversos planos foram desenvolvidos para o saneamento de Santos, tendo o problema passado por inúmeras mãos como as de Theodoro Sampaio e José Pereira Rebouças. No entanto, somente a partir de 1905, quando Saturnino de Brito assume a Comissão de Saneamento do Estado, é que finalmente têm início os trabalhos de saneamento da região alagadiça de Santos.

Além das pressões dos setores exportadores – interessados tanto na saída dos produtos quanto na chegada da mão de obra - e das próprias tensões do período (relativas às mentalidades surgidas ou desenvolvidas no corpo do século XIX), o saneamento de Santos, bem como de outras cidades no período, abria a possibilidade de novos negócios imobiliários, com a criação de grandes loteamentos e a ocupação de vastas áreas disponíveis.

O próprio Saturnino de Brito, em 1898, já havia elaborado um projeto para tal empreendimento, o qual, bem como os anteriores, havia sido esquecido. Portanto, ao assumir a Comissão o grande desafio vislumbrado pelo engenheiro era o de ordem política, e não técnica.

No ano seguinte à posse, diante da Comissão de Saneamento, Saturnino de Brito executava já as primeiras obras de seu plano, até mesmo devido ao fato de que o problema estava em discussão há mais de uma década. Brito acabou re-utilizando obras já implementadas pelo plano Rebouças, porém ignorou diversas sugestões, e até mesmo a existência do plano de Fuertes. Além do uso do concreto, inovador para a época, Brito organizou a construção de uma fábrica de blocos e tubulações para serem utilizados nas obras do plano de saneamento (BERNARDINI, 2003: 261 e seguintes).

Mesmo com as obras do plano de saneamento andando, em 1907 já começaram as desavenças, novamente originadas pelo campo político, e não do técnico. Essas desavenças culminariam com a saída de Brito em 1910 da Comissão, embora tenha comandado as obras de Santos até 1912.

Além dos méritos de Saturnino de Brito ao executar seu plano e de solucionar a questão sanitária (em sua dimensão urbanística) de Santos, seu pensamento influenciou toda uma geração de urbanistas brasileiros e foi responsável pela materialização de um plano que partiu da concepção da cidade como paisagem, sintetizando as experiências inglesa, francesa e norte americana (ANDRADE, 1992: 43 e seguintes).

Suas obras foram diretamente responsáveis pela ampliação da área urbana de Santos, com a criação posterior de novos bairros e de empreendimentos imobiliários que avançaram pela ilha até a costa contrária à do canal, remanescente do período colonial.

OS MAIS BELLOS LOTES DE TERRENOS DE SANTOS



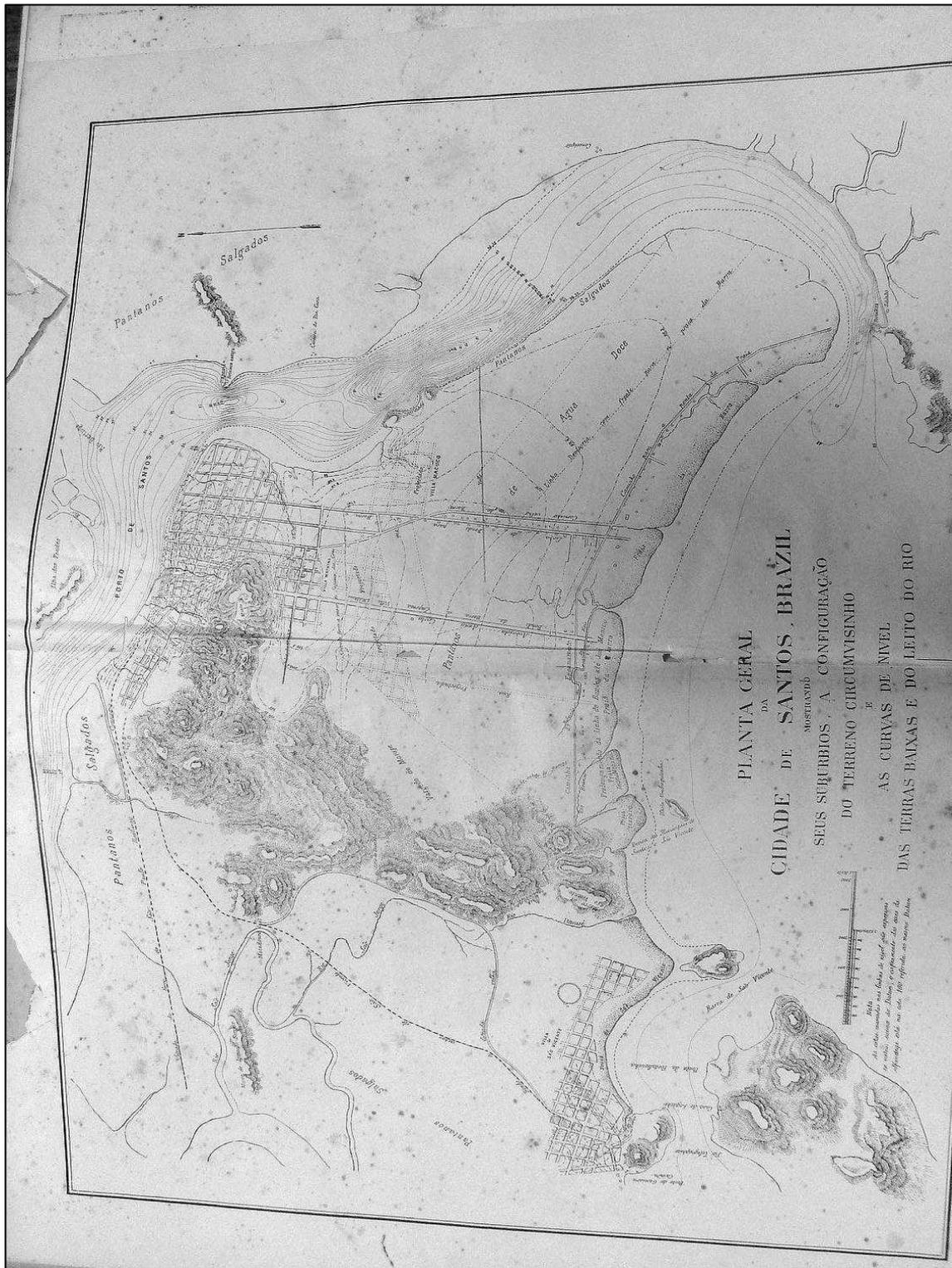
SITUADOS NA GRANDIOSA AVENIDA AFFONSO PENNA E NAS SUAS PROXIMIDADES.

PAGAMENTOS EM 60 PRESTAÇÕES MENSUAES.

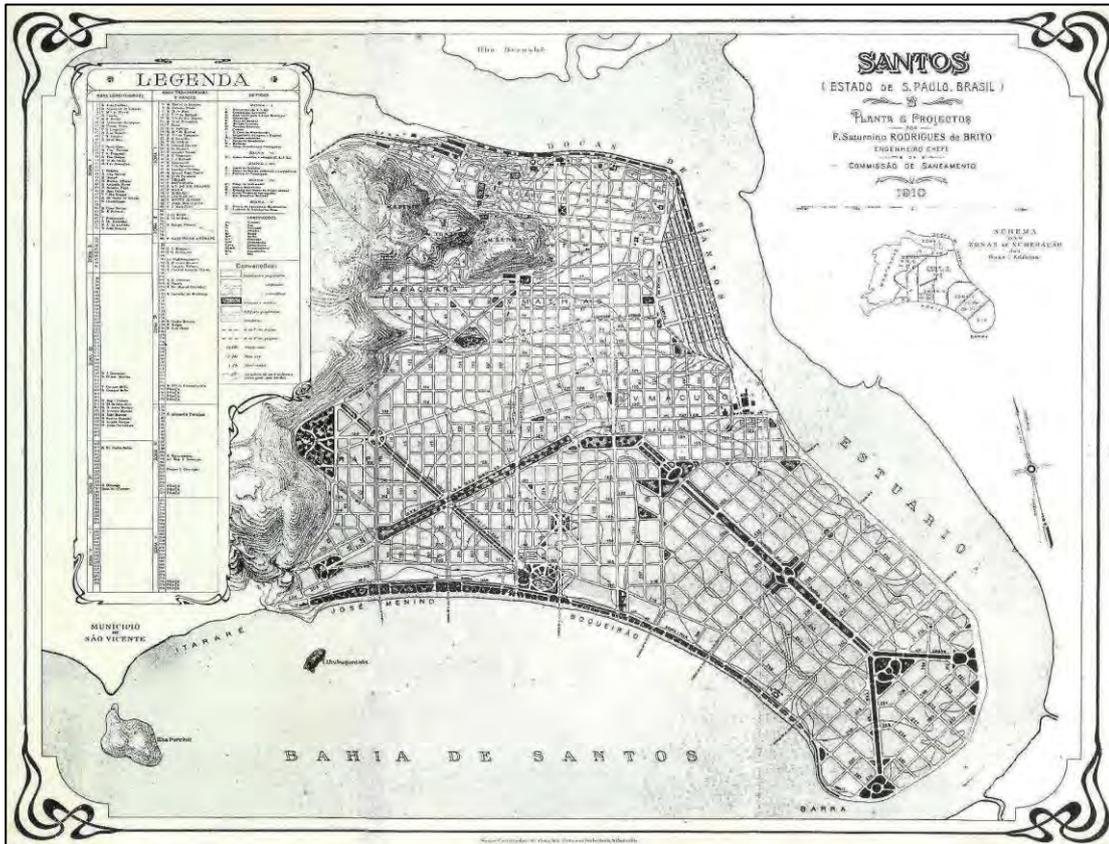
TITULOS INCONTESTAVEIS A' DISPOSIÇÃO DOS PRETENDENTES.

PREÇOS VANTAJOSOS

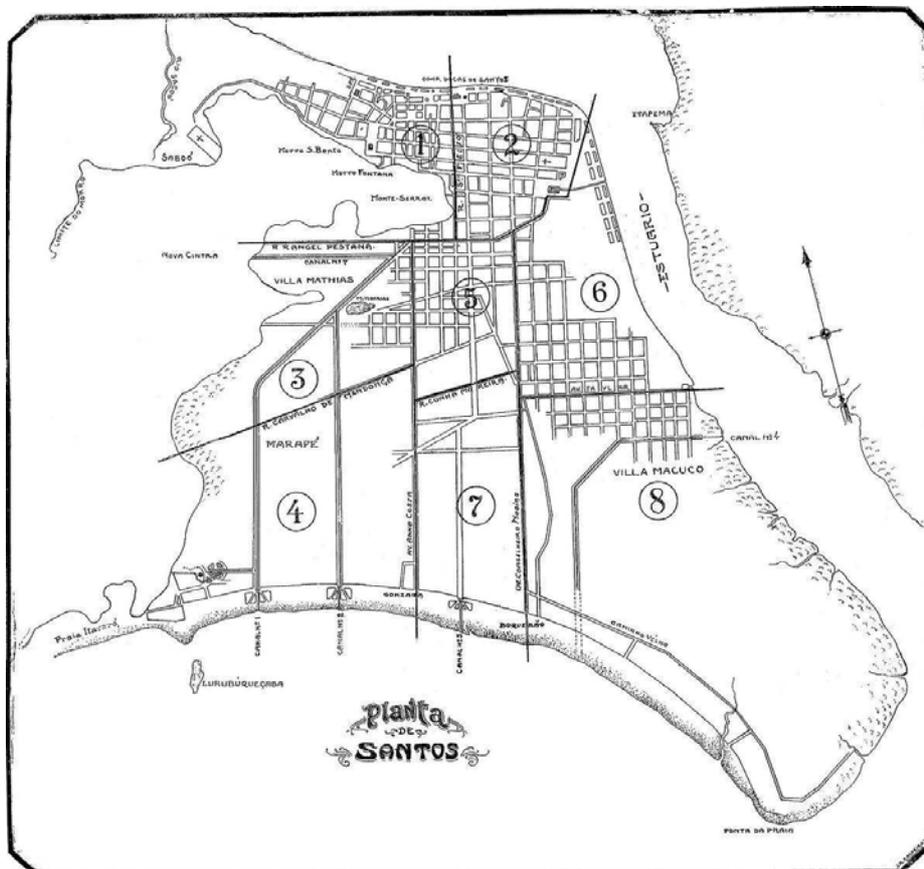
Vila Santista, um dos novos empreendimentos imobiliários surgidos em Santos em função do saneamento por conta das obras de Saturnino de Brito.



Planta de Santos de 1896. Perceba-se a previsão já de loteamentos nas áreas alagadiças, muito além do eixo Alfândega-Valongo.



Planta de 1910 do Plano de Saneamento de Santos, por Saturnino de Brito.



Avanço da ocupação na década de 1910 em função das obras de saneamento.

1.3 MODERNIZAÇÃO E ABASTECIMENTO EM SANTOS: A BACIA DO MERCADO

Comumente tomamos a modernização da estrutura portuária e a remodelação urbana de Santos como fenômenos estritamente associados ao desenvolvimento da economia paulista ocorrido a partir da segunda metade do século XIX, como se ambas fossem, antes de qualquer coisa, conseqüências desse fenômeno histórico de maior amplitude. É preciso notar, todavia, que em meio à consolidação do porto de Santos como um dos mais importantes da Nação, a própria sociedade santista se complexificou e deparou com novas questões atinentes ao seu cotidiano, que não necessariamente tinham uma relação tão direta com fenômenos inter-regionais. Ou, se tinham, ganhavam outros contornos no dia-a-dia da população local.

A construção da Bacia do Mercado representa bem tal situação. Construída nos primeiros anos do século XX, a Bacia do Mercado foi uma obra com vistas a contribuir para a racionalização e modernização da estrutura portuária – o que gerava reflexos nos outros trechos do porto, aumentando o espaço para embarcações de maior porte – e, simultaneamente, voltada para o aprimoramento da infra-estrutura mercantil de Santos com suas localidades vizinhas (WHITAKER, 2003).

Como ressaltado anteriormente, as condições topográficas e climáticas do litoral santista não permitiram o pleno desenvolvimento da agricultura, o que implicou num problema crônico de abastecimento da cidade. De modo geral, o abastecimento era feito por tropeiros (que traziam do planalto paulista mercadorias como toucinho, feijão e farinha), sitiantes e pescadores de regiões vizinhas que se estendiam de Itanhaém a Ubatuba, e por negociantes que aportavam em Santos. Parte dos produtos de subsistência vinha, também, das plantações existentes nos morros da cidade (SANTOS, 1986; LANNA, 1996; GUIMARÃES, 2004).

Mais tarde, já na segunda metade do século XIX, o transporte das mercadorias que chegavam a Santos pela linha férrea ficava a cargo de carroças, que as levavam aos trapiches ou pontões situados ao longo da praia, compondo assim o porto da cidade. Os trapiches eram armazéns que se ligavam ao estuário por meio de precárias pontes de madeira que possibilitavam a carga e descarga das embarcações que ali aportavam.

Em 1880 havia cerca de 10 trapiches, ao passo que 9 anos mais tarde esse número saltou para 23. Os mais conhecidos eram os da Alfândega, Arsenal, 11 de Junho, Praia, Consulado, Capela, Sal, Banca e da Estrada de Ferro. Já os pontões constituíam locais em terra de onde saíam os barcos para realizarem operações de transbordo nas ocasiões em que houvesse a superlotação nas pontes e trapiches do porto. Nesse sentido, os navios que não conseguiam vaga nos atracadouros tinham a possibilidade de se abastecer sem a necessidade de esperar por longos períodos (GONÇALVES; NUNES, 2008).

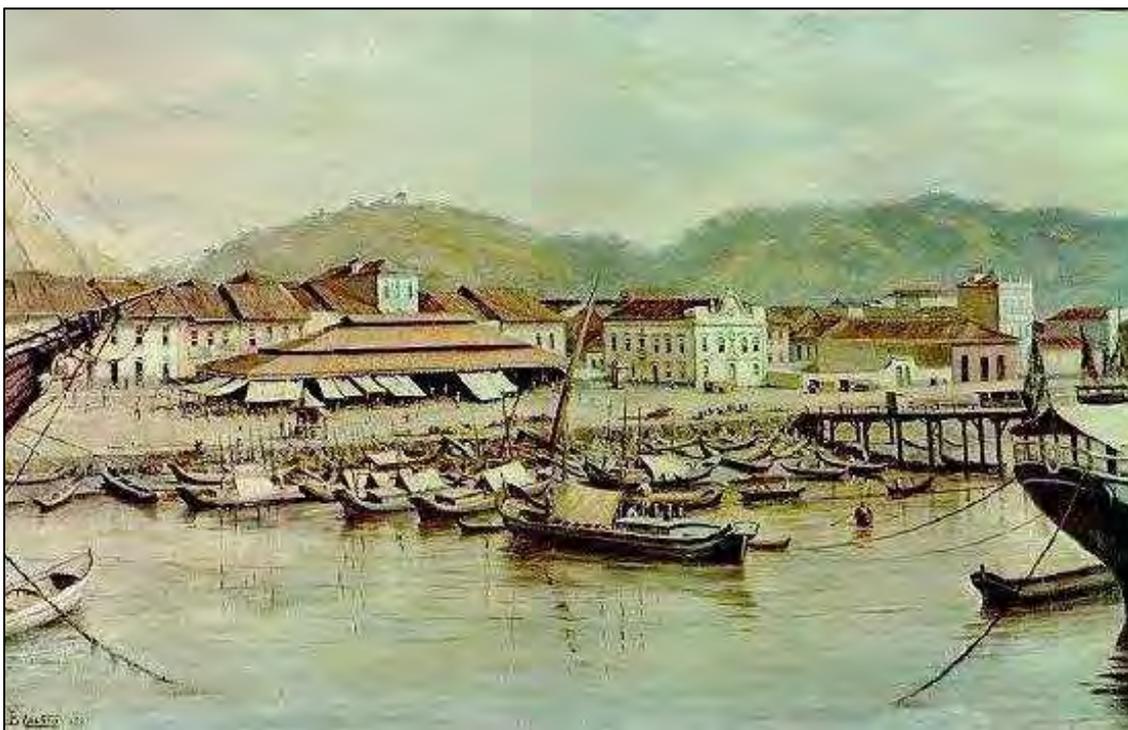
Com o aumento do comércio na região a modernização portuária tornou-se uma questão de primeira ordem. Em 1880 foi criada a *The City of Santos Improvement Co. Ltd.*, empresa que incorporou a Companhia Melhoramentos de Santos e passou a prestar serviços de água, iluminação e transporta de passageiros e cargas, vindo a se tornar um marco da modernização na prestação de serviços para a cidade (BELLINTANI, 2003).

Ainda inexistia, contudo, um porto com instalações apropriadas para dar conta às crescentes exportações. Embora já em 13 de outubro de 1869 o Decreto Imperial nº 1746 autorizara o governo a construir docas e armazéns para carga, descarga e conservação das mercadorias no porto de Santos, as obras não obtiveram o êxito esperado. Apenas em 1886 é que foi realizada a concorrência pública que se cristalizaria na construção de um novo porto. Dois anos depois foi publicado o Decreto nº 9.979, o qual autorizou a concessão que permitiria levar adiante as obras de melhoramento do porto.

O grupo de empreendedores responsável pela execução das obras era composto por José Pinto de Oliveira, Cândido Gafrée e Eduardo Guinle. Era o início do que, mais tarde, ganharia o nome de Empresa de Melhoramentos do Porto de Santos e, depois, de Companhia Docas de Santos.

Antes que essas transformações chegassem – e mesmo assim atentemos para o fato de que elas diziam respeito, em sua maioria, à esfera dos macro-negócios –, o comércio de gêneros de subsistência em Santos era bem mais precário, sendo desempenhado pelas conhecidas “casinhas”, que ocupavam uma faixa de terra situada entre as ruas Meridional e Setentrional, área que hoje forma o canteiro central da Praça da República, entre as ruas Martim Afonso e Senador Feijó. Próximas ao então prédio da Câmara e Cadeia, as casinhas comunicavam-se por portas abertas naquelas duas vias. Intitulados “casinheiros”, os trabalhadores das casinhas vendiam, sobretudo, produtos de primeira necessidade oriundos do planalto paulista, como feijão, milho, toucinho, hortaliças e água ardente.

As instalações que abarcavam as Casinhas foram demolidas por volta de 1855, sendo substituídas pelo Mercado Público Provisório, situado no pátio dos Gusmões, e que atualmente corresponde ao trecho da rua Dr. Antonio Prado, em frente ao armazém 2 da CODESP. Construído sob as ordens de Tomás Antonio de Azevedo, o Mercado foi retratado pelo pintor Benedito Calixto na tela *o Mercado Provisório em 1887*.



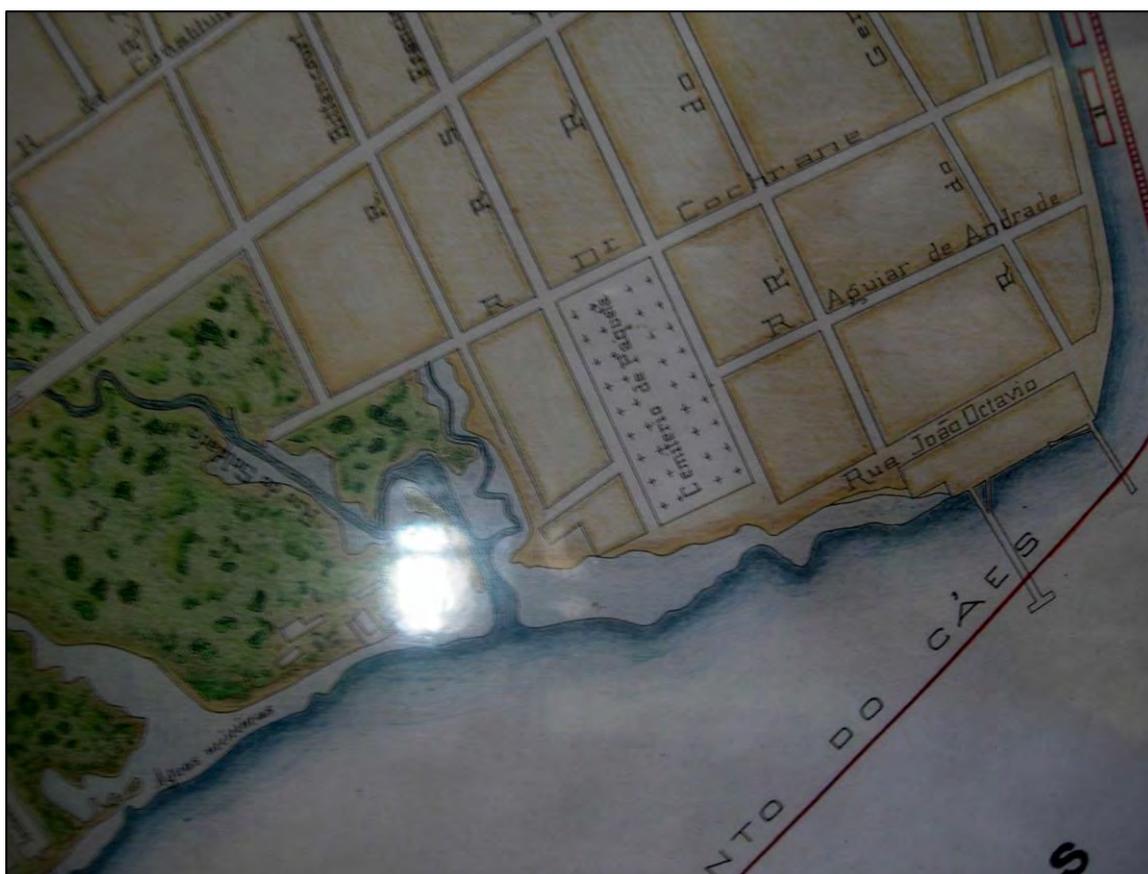
Mercado Provisório em 1887, pintura de Benedito Calixto de Jesus.

O Mercado Provisório funcionou até o final do século XIX, época em que as autoridades santistas já iniciavam a construção de um novo mercado na região da Vila Nova. Esta tinha como limite natural o curso do Rio dos Soldados, o qual nascia nas encostas do morro do Jabaquara, ladeando o sopé do Monte Serrat até desaguar no estuário, a 200 ou 300 metros do Cemitério do Paquetá, construído no final do século XIX. Como assinalou a historiadora Ana Lúcia Duarte Lanna, a construção de uma estrutura física que conseguisse dar conta da dinâmica comercial santista impulsionada pelo crescimento da economia cafeeira do planalto paulista vinha desde os anos 1870, quando da instituição do Mercado Provisório (LANNA, 1996: 67-68):

“A construção de um mercado que servisse para distribuir esta produção era tema polêmico na cidade. Havia solicitação, desde os anos 1870, para que fosse construído um estabelecimento que pudesse abrigar as tripulações das canoas que vinham abastecer as cidades. As obras de construção do cais e o movimento de ocupação dos terrenos disponíveis na cidade deslocavam os lugares, sempre provisórios, onde se instalavam os mercados”.

A área escolhida para a construção do novo mercado (hoje Praça Iguatemi Martins) necessitava de adequações para receber o empreendimento. Era constituída de terrenos alagadiços nas cercanias dos armazéns da Companhia Docas, junto à foz do rio dos Soldados, como se pode notar pelo detalhe da *Planta geral do Cais, mostrando as faixas em tráfego construídas e em construção em 1897*.

As características da área destinada para a construção do novo mercado podem ser observadas, também, pela *Planta Geral da cidade e arredores de Santos, mostrando projecto de arruamento para servir de base ao traçado das ruas e praças no desenvolvimento futuro da cidade*, provavelmente desenhada em fins do século XIX, em meio à remodelação urbana da Vila Nova. Digno de ressalva é o traçado das ruas que seriam implementadas no limite da região estuarina, chegando a avançar para dentro do mar.



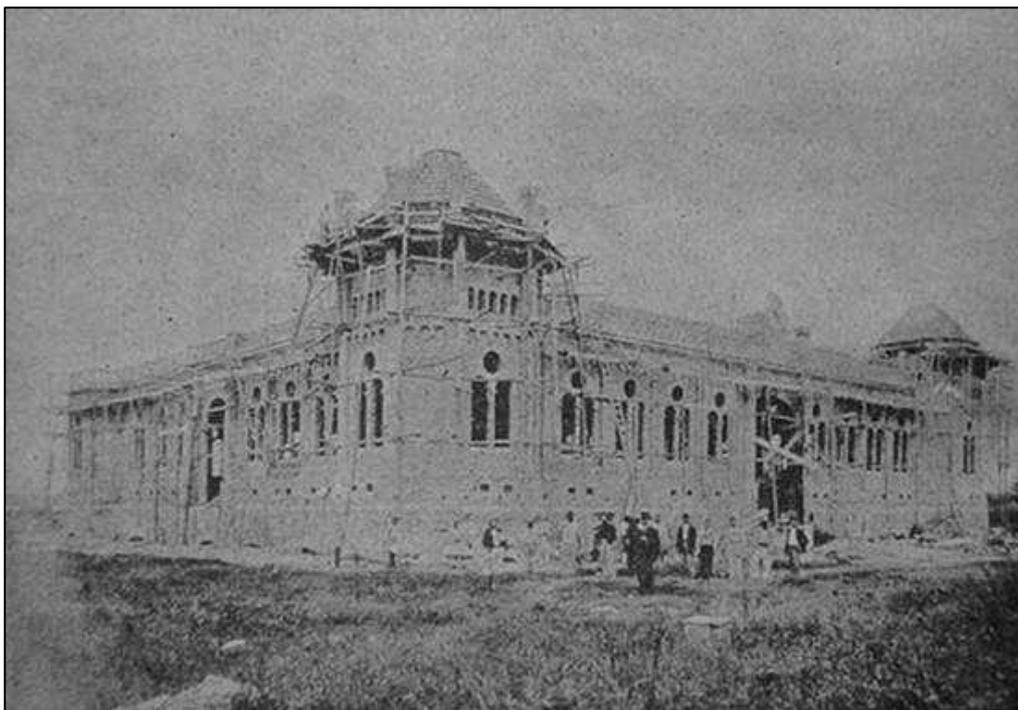
Planta geral do cais, mostrando as faixas em tráfego construídas e em construção, 1897.



Planta da cidade de Santos e seus arrabaldes com a rede de esgoto atual.

O novo mercado – logo conhecido como Mercado Municipal ou do Paquetá – foi inaugurado em 1902. A fotografia publicada na edição de janeiro de 1902 da *Revista da Semana*, foi produzida pouco tempo antes de sua abertura.

No ano seguinte, o periódico *Santos Ilustrado* publicou uma fotografia do Mercado Municipal, já em funcionamento.



Mercado municipal de Santos. In: Revista da Semana, edição de janeiro/1902.

Entretanto, em decorrência da dificuldade de acesso à região as autoridades locais projetaram a construção de um canal junto ao aterro que a mesma executava na Vila Nova, a fim de que as canoas tivessem acesso ao mercado. Buscava-se, deste modo, dotar o complexo abastecedor de Santos com um mercado de alvenaria e docas para canoa, à semelhança de cidades costeiras como Salvador e Rio de Janeiro. O projeto do que ficaria conhecido como Bacia do Mercado pode ser observado por meio da *Planta da cidade de Santos e seus arredores*, levantada pela Comissão de Saneamento em 1903 e coordenada pelo engenheiro José Pereira Rebouças: (IMAGEM 3).



Mercado Municipal de Santos. In: Santos Illustrado n. 3, Anno I.

No cartão postal produzido pela empresa M. Pontes & Comp. para a loja Bazar de Paris, provavelmente entre 1903 e 1906, pode-se verificar as obras da Bacia do Mercado.

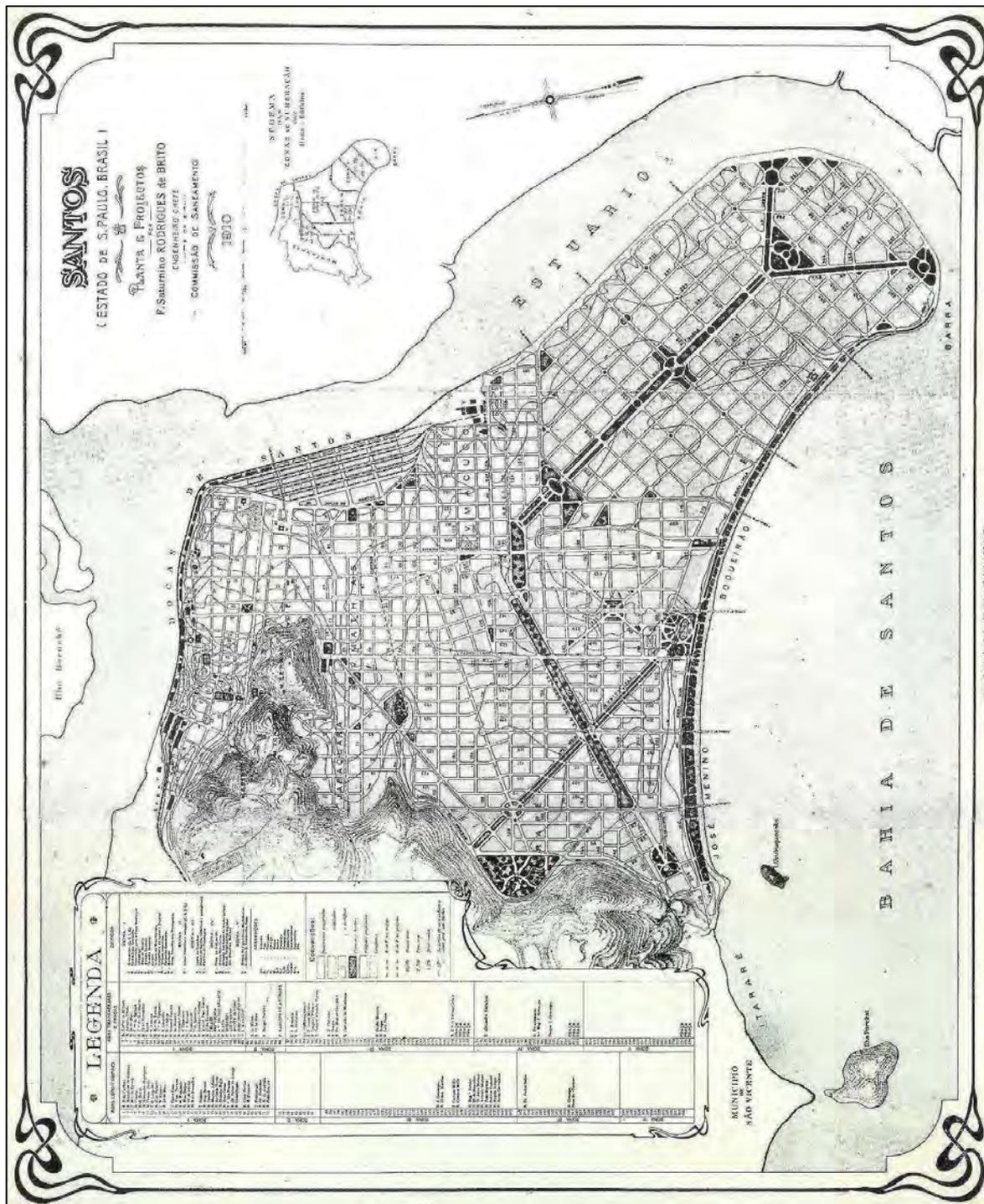
Digno de nota é o fato de que a implantação da Bacia do Mercado estava inscrita, também, num projeto maior que era o da remodelação da estrutura de saneamento básico da cidade de Santos em fins do século XIX e início do XX, à semelhança do que vinha ocorrendo em outras cidades brasileiras. Após financiar diversas pesquisas na região, o Governo do Estado de São Paulo decidiu investir na implantação de um sistema de drenagem de águas pluviais e de um sistema de coleta, afastamento e disposição dos esgotos sanitários. Tal decisão ficou a cargo do jurista Vicente de Carvalho, na época Secretário do Interior do Governo do Estado. O passo definitivo na implementação do projeto foi dado pelo engenheiro Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, que assumiu a chefia da Comissão de Saneamento em 1905.



Santos, Mercado Municipal. Editora M. Pontes & Comp., Bazar de Paris.

Valendo-se dos levantamentos feitos anteriormente na região e mantendo o sistema separador absoluto, Saturnino de Brito começou as obras de construção dos canais ainda em 1905. Dois anos depois estava concluído o primeiro canal, no ribeirão dos Soldados (ANDRADE, 1989; MORGERO, 1999). Em 1906, quatro anos após a construção do novo mercado, estava criada a Bacia do Mercado, um local de grande importância para a vascularização do comércio de gêneros de primeira necessidade no litoral santista e que, aos poucos, foi ganhando destaque como meio de transporte entre Santos e as cidades litorâneas vizinhas, especialmente Itapema, depois Distrito de Vicente de Carvalho, pertencente ao município do Guarujá.

Com auxílio da *Planta e Projetos de Santos*, publicada sob a coordenação do engenheiro chefe da Comissão de Saneamento Saturnino de Brito, em 1910, é possível notar uma alteração significativa nas imediações do Cemitério do Paquetá, na Vila Nova. Além do Mercado Municipal e da Bacia do Mercado, a planta evidencia o surgimento de novas ruas para além do Cemitério do Paquetá, bem como a canalização e retificação do ribeirão dos Soldados e a instalação de armazéns pela Companhia de Docas em meio ao alastramento da zona portuária para a região.



Planta e projetos de Santos em 1910.

A canalização do ribeirão dos Soldados fixou um novo receptor de águas, em paralelo ao estuário, que seguia por trás dos morros e estendia-se do Jabaquara até a Bacia do Mercado permitindo, assim, a drenagem dessa nova área de ocupação da cidade de Santos. Produzida por José Marques Pereira em torno de 1910, a fotografia abaixo oferece uma idéia de como se configurava o uso do espaço no entorno da Bacia do Mercado. Ao fundo é possível distinguir o prédio do Mercado Municipal.



*Bacia do Mercado, 1907. In: Diário Oficial de Santos.
Foto de José Marques Pereira.*

Em outra fotografia, publicada originalmente em 1915 pelo álbum *Exploração do Litoral, Cidade de Santos à fronteira do Estado do Rio de Janeiro*, da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, é possível observar o fluxo de embarcações na Bacia do Mercado.

Na década de 1940 o prédio do Mercado Municipal foi replanejado, sendo reconstruído em 1947 e ampliado em 1955. Passou a receber um pavilhão de pescada e um segundo andar (SANTOS, 1986; PETRASOLI, 1989).



Bacia do Mercado, início do século XX.

A Bacia do Mercado, por sua vez, assistiu à ampliação de seu papel de ponto de circulação de pessoas no litoral santista. A partir do início do século XX, quando o Guarujá viu intensificar sua urbanização, o movimento de transporte de passageiros e mercadorias na ligação com a vizinha cidade de Santos, atravessando o Estuário do porto santista, ganhou força. As *catraias*, o meio de transporte marítimo mais popular entre Vicente de Carvalho e o centro de Santos, consolidou-se como um dos meios de transporte coletivo mais peculiar da baixada santista. Atualmente cerca de 85.000 passageiros são transportados por semana entre Vicente de Carvalho e Santos (SOUZA, 1999). Nas últimas décadas a área em torno da Bacia do Mercado Municipal notabilizou-se pela presença de atividades atacadistas que atendem ao comércio varejista de Santos e das cidades da região. Tal comércio oferece produtos hortifrutigranjeiros para pequenos mercados, mercearias, feiras livres, lanchonetes e restaurantes. No entanto, de acordo com o Sindicato do Comércio Varejista da Baixada Santista, a atividade atacadista vem decaindo nos últimos anos por conta da chegada de hipermercados do mesmo ramo. Além disso, o fortalecimento do comércio em Vicente de Carvalho tem ajudado a arrefecer a importância dos atacadistas na região do Mercado (RAPAKULIAS, 2003).

Seja pela evasão de serviços, seja pelas habitações de baixa renda, a Vila Nova é, atualmente, considerada pela prefeitura de Santos como um bairro degradado. A planta de uso e ocupação do solo utilizada por Yoanna Rapakulias (*Apud* RAPANULIAS, 2003) evidencia a presença maciça de cortiços e imóveis sem ocupação no bairro.

Buscando assegurar a segurança dos moradores da Vila Nova e dos usuários das catraias que fazem a ligação entre Santos e Vicente de Carvalho, a Secretaria de Obras e Serviços Públicos (Seosp) iniciou, em 2006, a montagem de um gradil em torno da Bacia do Mercado (A TRIBUNA, 24/04/2006). Hoje concluída, a colocação da grade em volta da Bacia foi uma das primeiras iniciativas da Administração Municipal no sentido de revitalizar o entorno do mercado. A construção de um terminal para os passageiros das catraias, de *decks* nas margens do canal e de um estacionamento são as outras reformas previstas para o local (DIÁRIO OFICIAL DE SANTOS, 26/06/2006).

2. DIAGNÓSTICO DE SITUAÇÃO

No desenvolvimento do diagnóstico de situação da Bacia do Mercado e Frontispício da saída do rio dos Soldados foram realizadas vistorias de campo com o objetivo de caracterizar a configuração atual dos bens edificados, bem como seu uso e valoração pela comunidade. As pesquisas abrangeram, assim, uma análise detalhada, cujo resultado é apresentado nas páginas que seguem. Os trabalhos tiveram como foco a Bacia do Mercado e sua área envoltória delimitada, principalmente, pela Praça Iguatemi Martins (*Figura 1*). Para tanto, foi realizado o estudo das características atuais da área, considerando as implicações da legislação de preservação vigente, mediante a análise do estado de conservação de alguns exemplares construtivos, realização de registro fotográfico; croquis de caracterização do conjunto das fachadas; bem como, a caracterização dos partidos arquitetônicos e medidas mitigadoras para a revitalização e valorização do patrimônio edificado existente.

Cabe ressaltar que o presente texto complementa o relatório do canal da Avenida Ulrico Mursa anteriormente elaborado e já encaminhado aos órgãos competentes.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA E PROTEÇÃO LEGAL

A área da Bacia do Mercado configura-se como um dos locais tradicionais do município de Santos, constituindo o ponto de chegada e saída das catraias até Vicente de Carvalho. Apesar do estado de degradação em que atualmente se encontra esta área, apresenta-se como local de intenso comércio e movimentação de pessoas, inclusive por estar contígua ao Mercado Municipal.

A bacia do mercado caracteriza-se por um quadrilátero onde desemboca o Rio dos Soldados, atualmente canalizado, estando integrado ao plano de saneamento de Saturnino de Brito no início do século XX. A área abrange toda a Praça Iguatemi Martins, na qual está inserida a bacia do Mercado, o prédio do mercado propriamente dito e as edificações lindeiras à bacia. A área possui ainda espaços livres, com uma quadra poliesportiva e uma Praça.

Ao longo do tempo, devido a fatores econômicos e sociais, a área foi nos últimos anos entrando em processo de declínio. As adjacências do mercado são ocupadas por atacadistas que recebem, principalmente, produtos horti- fruígranjeiros e fazem a distribuição para o comércio varejista. Com a chegada dos hipermercados, aos poucos o comércio até então bastante movimentado da região da bacia foi entrando em decadência e, por consequência, a área da própria bacia. Atualmente o quadro que se observa é de edificações em estado de deteriorização, com um grande número de moradores de rua que circulam pelo local, fato que se agrava com a grande quantidade de cortiços em toda a região envoltória, principalmente na região do Paquetá.

Importante salientar que a área em questão está inserida na Área de Proteção Cultural (APC) pelo Decreto N.º 4.246 de 28 de maio de 2004, o que determina a existência de três níveis de preservação para os elementos que compõe a Praça Iguatemi Martins, conforme estabelece o artigo 56 da Lei Complementar Nº 312, de 24 de novembro de 1998 do Município de Santos:

Art. 56 *Os imóveis situados nos Corredores de Proteção Cultural, em decorrência de sua representatividade, do seu estado de conservação e da sua localização, ficam enquadrados em um dos 03 (três) níveis de proteção - NP, assim especificados:*

I - Nível de Proteção 1 - NP 1, corresponde à proteção total e atingem imóveis a serem preservados integralmente, incluindo toda a edificação, os seus elementos construtivos e decorativos, interna e externamente;

II - Nível de proteção 2 - NP 2, corresponde à proteção parcial e atinge os imóveis a serem preservados parcialmente, incluindo apenas as fachadas, a volumetria e o telhado;

III - Nível de proteção 3 - NP 3, corresponde à livre opção de projeto, mantendo-se, porém a tipologia predominante dos imóveis NP 1 e NP 2 existentes na testada da quadra.

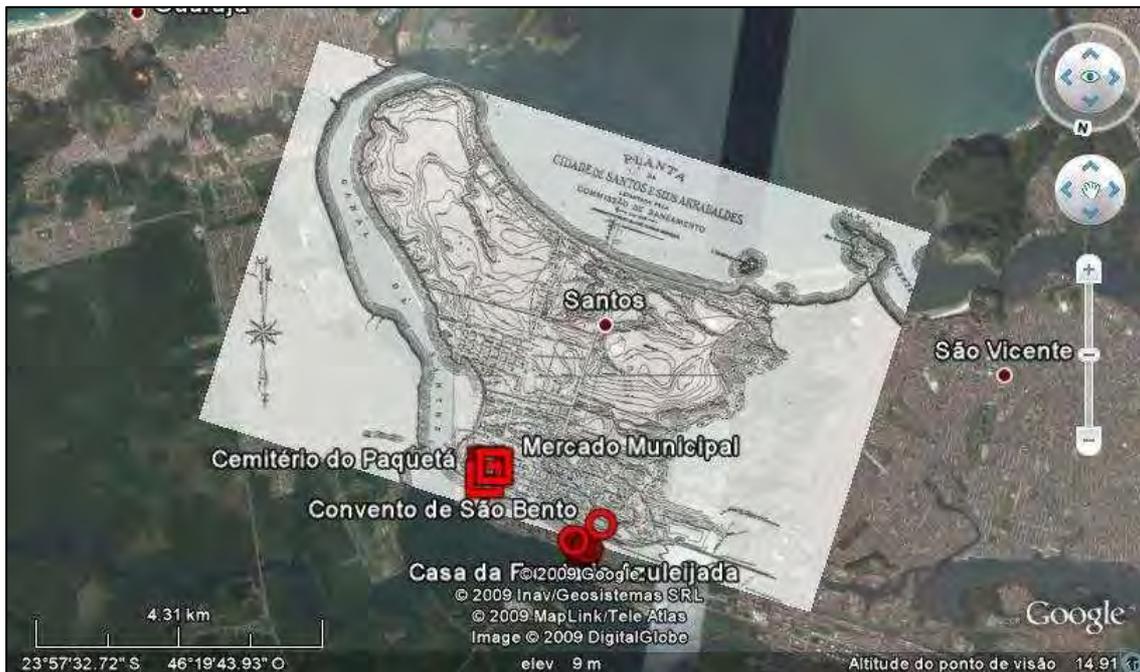
§ 1º - Os níveis de proteção previstos neste artigo serão atribuídos aos imóveis atingidos pela área envoltória de bens tombados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Santos - CONDEPASA.

§ 2º - A listagem com os níveis de proteção de cada imóvel será elaborada pela Secretaria Municipal de Governo, através da unidade competente, ouvido o Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Santos - CONDEPASA, num prazo máximo de 90 dias a partir da entrada em vigor desta lei complementar.

Portanto, a bacia do Mercado detém uma proteção legal, que garante a preservação e proteção dos edifícios ali incluídos. Objetivando acompanhar a evolução urbana de sua área de abrangência desde o início do século XX foram confeccionadas e sobrepostas cartografias históricas com bases de Google Earth, como demonstram as pranchas seguintes.



Figura 1 – Foto aérea com identificação da área



Planta de 1903 antes das obras de Saturnino de Brito.



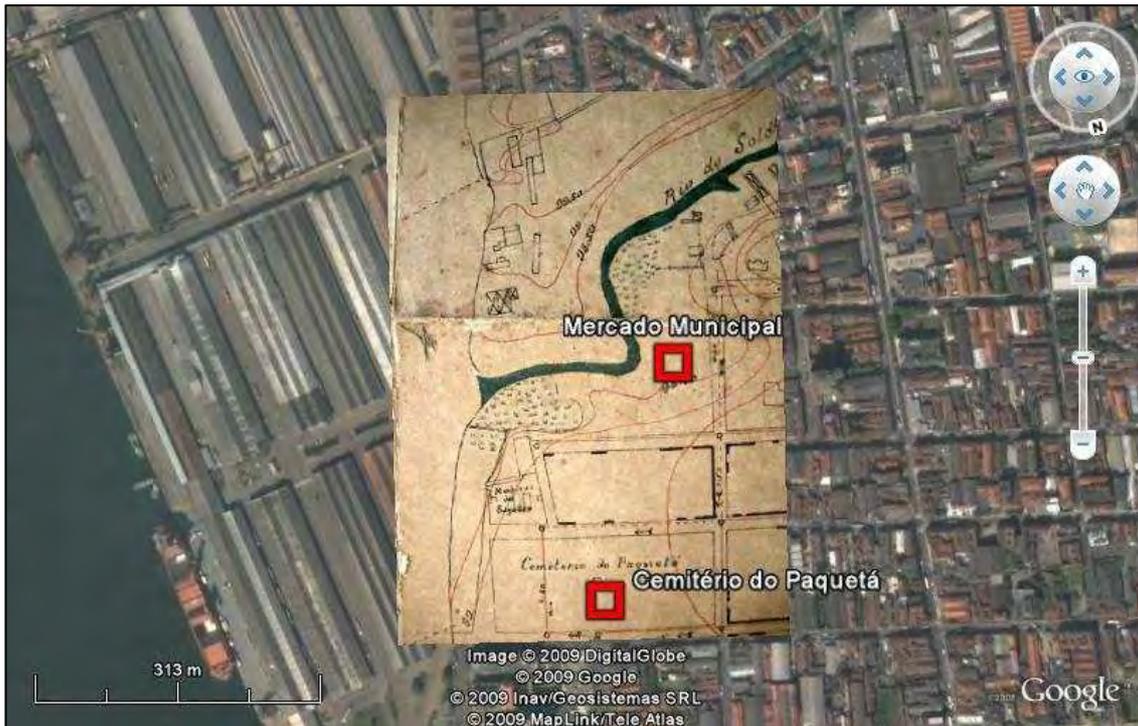
Plano de aterro com previsão do Canal do Paquetá e Porto das Catraias.



Sobreposição da planta de 1910 de Saturnino de Brito



Sobreposição Censo de 1913



Sobreposição do esboço de Santos e seus arrabaldes antes das obras do Canal e do Mercado.



Detalhe do mapa acima.



Localização do Mercado Municipal e Porto das Catraias sobre mapa de 1913



Detalhe da região do Paquetá em 1913.

2.2 PARTIDOS ARQUITETÔNICOS

A Bacia do Mercado ganhou notoriedade e status de área de importância comercial no início do século XX, a partir da execução do projeto de saneamento do Eng. Saturnino de Brito, retificando a área e propiciando uma adequada urbanização à região do Paquetá.

O adensamento das ocupações teve início no início do século, o que imprimiu na região da Praça Iguatemi a fisionomia predominantemente do estilo Eclético¹. O grande número de exemplares das edificações lindeiras ainda existentes corresponde predominantemente a este estilo existindo, ainda, alguns exemplares associados ao Art Déco², construídos a partir do segundo quartel do século XX.

2.3 Patrimônio Edificado

A Bacia do Mercado se caracteriza por um quadrilátero composto por 3 faces com rampas de média inclinação revestidas por paralelos de pedra. A quarta face (leste) é composta por uma parede de pedra, limitada pela Avenida Ulrico Mursa.

¹ *Eclétismo foi o movimento que combinação de diferentes estilos arquitetônicos em uma única obra, sobretudo os estilos clássicos oriundos da arquitetura Greco Romana. Tal movimento foi difundido no Brasil em fins do século XIX.*

² *Art Déco foi um movimento popular internacional de design de 1925 até 1939, que afectou as artes decorativas, a arquitectura, design interior e desenho industrial, assim como as artes visuais, a moda, a pintura, as artes gráficas e cinema. Este movimento foi, de certa forma, uma mistura de vários estilos (Electismo) e movimentos do início do século XX, incluindo Construtivismo, Cubismo, Modernismo, Bauhaus, Art Nouveau e Futurismo. A sua popularidade na Europa foi durante os picos dos loucos anos 20 e continuou fortemente nos Estados Unidos através da década de 30. Embora muitos movimentos de design tivessem raízes em intenções filosóficas ou políticas, a Art Déco foi meramente decorativa. Na altura, este foi visto como estilo elegante, funcional e ultra moderno. Representa a adaptação pela sociedade em geral dos princípios do cubismo. Edifícios, esculturas, jóias, luminárias e móveis são geometrizados. Sem abrir mão do requinte, os objectos têm decoração moderna, mesmo quando feitos com bases simples, como concreto (betão) armado e compensado de madeira, ganham ornamentos de bronze, mármore, prata, marfim e outros materiais nobres.*

Atualmente a bacia encontra-se bastante impactada em função da degradação da área como um todo. Verificam-se pichações nos muros e nas pedras da área de contenção do canal, desagregação dos paralelos, erosão, assoreamento e instalação de barracas comerciais na sua área envoltória. Com a queda brusca das relações comerciais na área do mercado, a bacia sofre um acelerado processo de degradação, tanto em seus aspectos físicos como sociais e econômicos, em uma área que, outrora, foi um pólo de destaque comercial da cidade e que, atualmente, começa por cair no esquecimento.



Foto 1 – Bacia do Mercado – Praça Iguatemi Martins



Foto 2 – Desagregação dos blocos e erosão das rampas – Praça Iguatemi Martins



Foto 3 – Lixo contribuindo para o assoreamento da bacia – Praça Iguatemi Martins

- **O Prédio do Mercado Municipal**

A construção do primeiro prédio do Mercado Municipal de Santos na atual Praça Iguatemi Martins data de 1902. A iconografia disponível nos mostra o mercado em um primeiro momento em estilo eclético, construído isoladamente na quadra o prédio apresentava-se bastante suntuoso e elegante aos moldes dos prédios públicos da época. Sabe-se que o prédio foi reformado no ano de 1947 e mais tarde em 1955 foi ampliado, momento em que recebeu um segundo pavimento caracterizando a configuração atual a exemplo dos mercados municipais das grandes cidades com grande pé direito e amplos espaços livres. O prédio do mercado integra a Área de Proteção Cultural (APC) estando protegido pelo nível de proteção 2 (NP2).



Foto 4 – Prédio do Mercado Municipal de Santos – Praça Iguatemi Martins



Foto 5 – Interior do Prédio do Mercado Municipal de Santos

- Saída do Rio dos Soldados

O rio dos Soldados desemboca na Bacia do Mercado possuindo, em sua desembocadura, uma “plataforma” construída em pedra decorada na porção superior por um guarda corpo com balaústres em alvenaria, elemento que se configura como uma interpolação posterior. Nota-se, também, que a plataforma possuía comportas que fechavam a vazão do rio. Na Praça Iguatemi Martins, no fim do canal que segue pela Avenida Campos Sales, é possível verificar uma comporta ainda existente (*Figura 2*).

Especificamente sobre a referida plataforma é escassa a documentação a respeito, sendo que as poucas referências constituem a vasta iconografia do mercado onde, esporadicamente, tal plataforma é retratada.

No entanto, o elemento construtivo está integrado a bacia e, portanto, enquadrado no nível 2 de proteção da APC.



Foto 6 – Plataforma de saída do Rio dos Soldados – Praça Iguatemi Martins

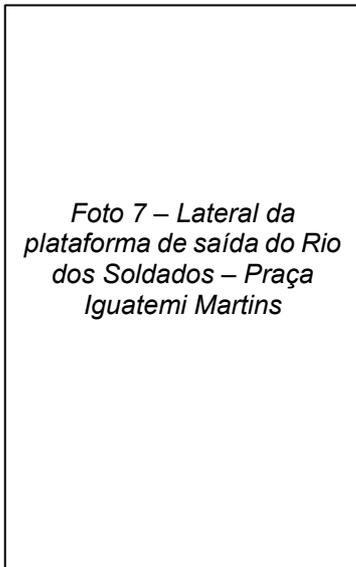


Foto 7 – Lateral da plataforma de saída do Rio dos Soldados – Praça Iguatemi Martins



Foto 8 – Comporta do canal do Rio dos Soldados – Praça Iguatemi Martins (final da Avenida Campos Sales)

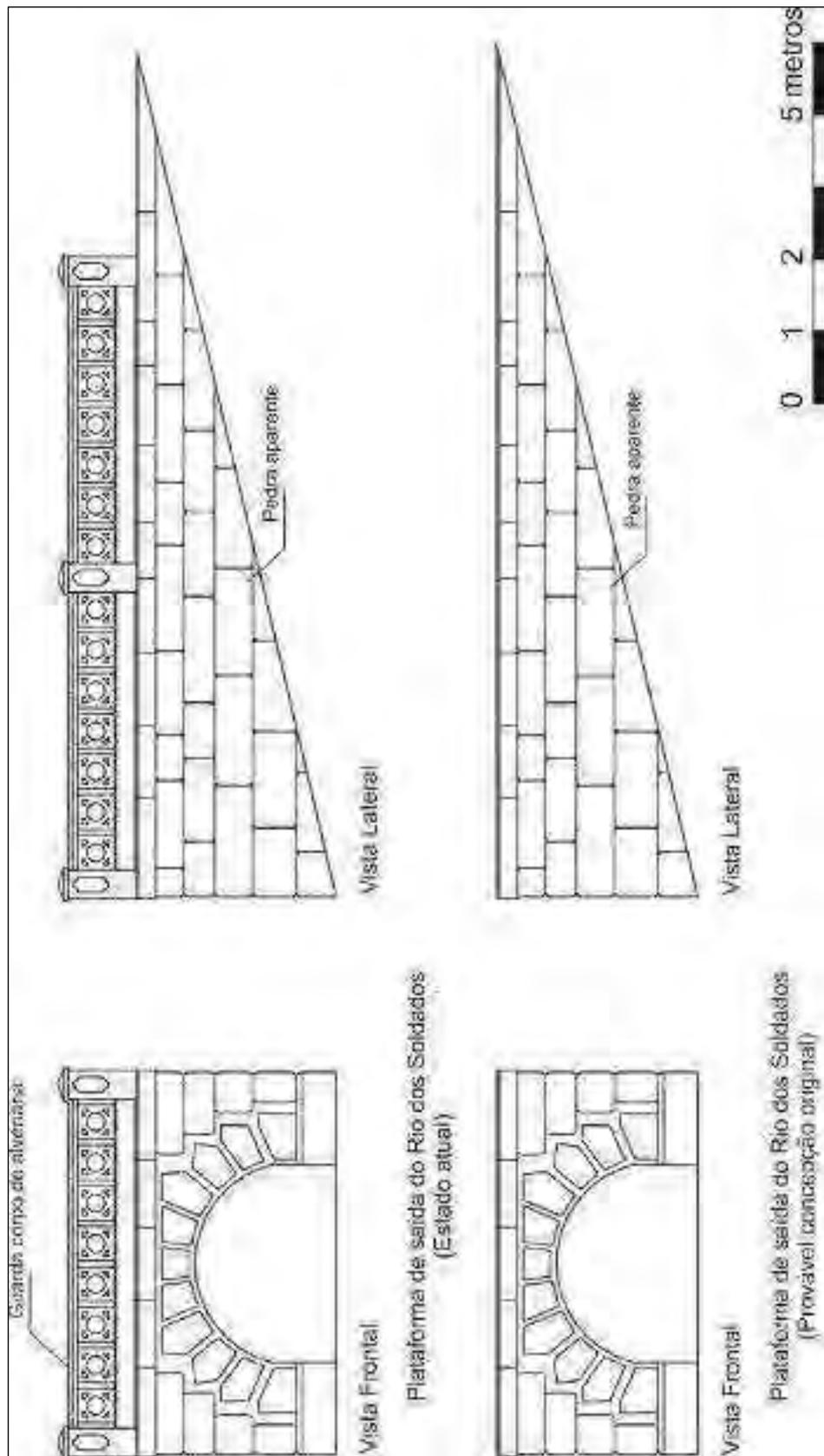


Figura 2 – Vistas da Plataforma de saída do Rio dos Soldados na Bacia do Mercado – Praça Iguatemi Martins

- **As edificações lindeiras**

Foi no limiar do século XX que a praça passa a integrar mais sistematicamente edificações lindeiras³, resultando em conjuntos arquitetônicos dentre os quais uma boa parcela encontra-se ainda conservada. Embora vários exemplares estejam degradados pelo estado de abandono ou descaracterizados por intervenções diversas, ainda é possível encontrar imóveis com elementos construtivos em bom estado de conservação. Em geral, as descaracterizações observadas estão concentradas no pavimento térreo em função da diversificação dos usos, normalmente vão abertos e esquadrias trocadas por portas metálicas típicas de uso comercial.

No pavimento superior os elementos estão relativamente conservados, a deteriorização é, na maioria dos casos, em função da ação do tempo. Todavia, também aqui demolições e interpolações comprometeram parte significativa dos exemplares, comprometendo a caracterização do conjunto.

As edificações observadas estão inseridas dentro da APC, sendo que o nível de proteção 3 foi adotado para os imóveis já descaracterizados, e o Nível 2, para os que apresentam os elementos construtivos ainda conservados.

É importante ressaltar que, embora o escopo do presente diagnóstico é tratar da Bacia do Mercado e do Frontispício de saída do Rio do Soldado, consideramos fundamental apontar também os exemplares da área envoltória da Bacia, pois o universo do patrimônio edificado nesta parte do município de Santos testemunha os diversos processos de uso, ocupação e transformação do espaço devendo, portanto, ser abordado de forma global e integrada.

Assim, até mesmo para fins didáticos e visando propiciar uma visão de conjunto, foram elaborados croquis e pranchas do universo das fachadas dos imóveis que delimitam a área da referida bacia (**Figuras 4 e 5**). Além disso, na porção da Praça Iguatemi localizada atrás do prédio do Mercado existem alguns imóveis de relevância arquitetônica e construtiva, razão pela qual também foram objeto de registro fotográfico e registro na tabela em anexo (**Tabela 1**), que traz o cadastro dos bens edificados presentes na área de estudo (vide delimitação na **Figura 3**).

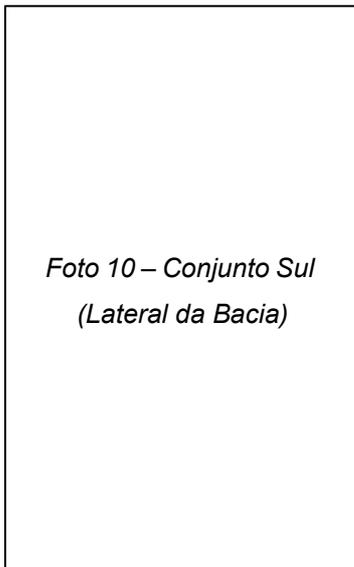
³ Edificações lindeiras são aquelas caracterizadas pela ocupação que utiliza o limite frontal do lote.



Figura 3 – Foto aérea com a identificação dos conjuntos abordados – Praça Iguatemi Martins.



*Foto 9 – Conjunto Norte
(Lateral da Bacia)*



*Foto 10 – Conjunto Sul
(Lateral da Bacia)*



*Foto 11 – Conjunto Norte
(Lateral do Prédio do
Mercado)*



Foto 12 – Conjunto Leste (Frente do Prédio do Mercado)



Foto 13 – Conjunto Sul (Lateral do Prédio do Mercado)

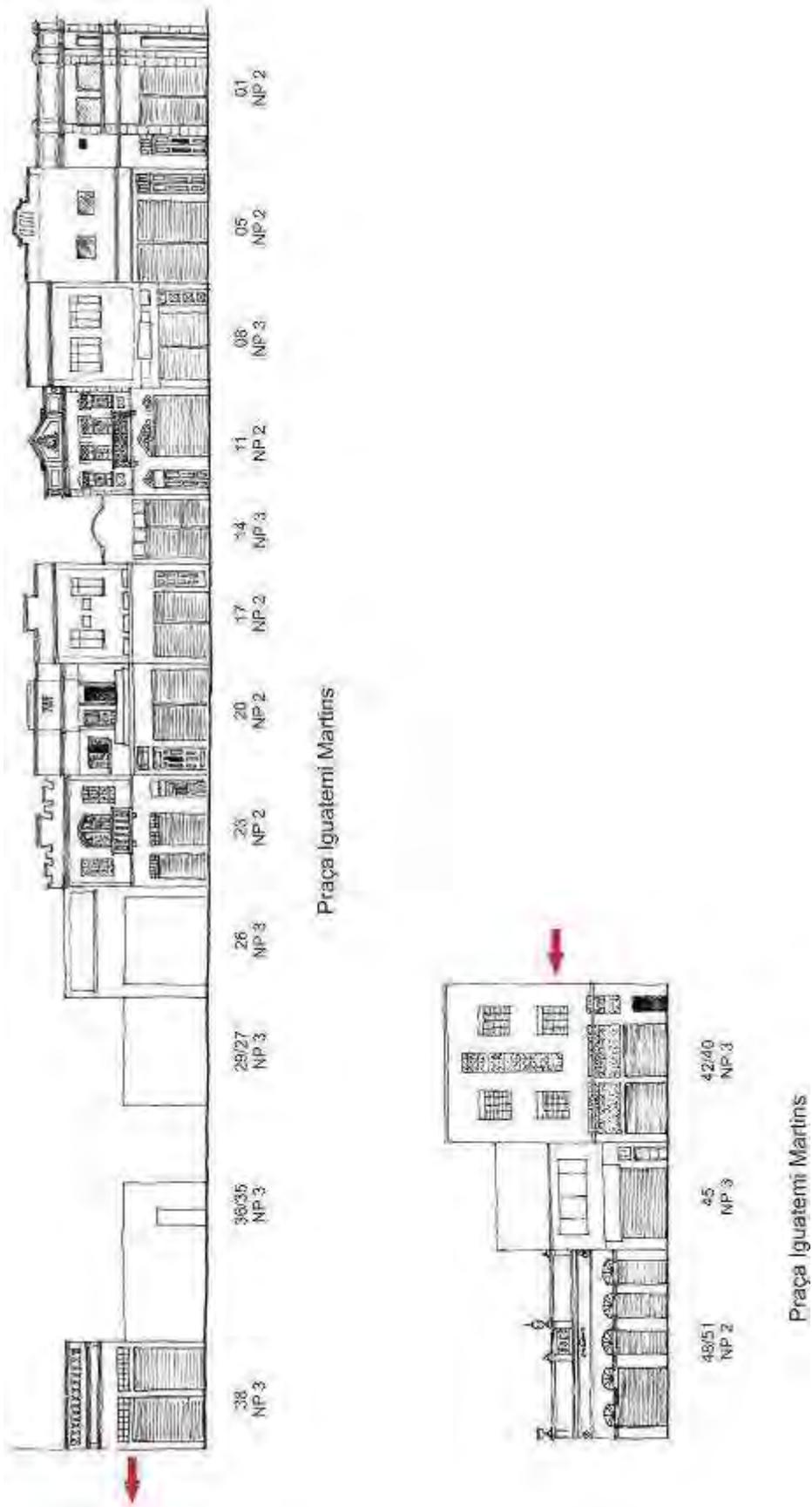


Figura 4 – Conjunto Norte (Lateral da Bacia) – Praça Iguatemi Martins

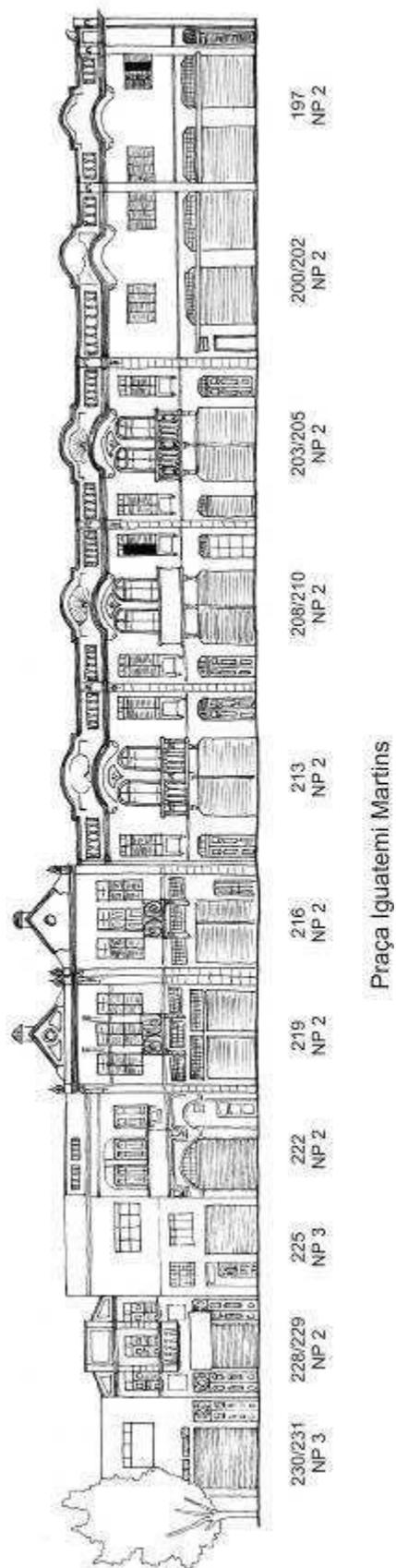


Figura 5 – Conjunto Sul (Lateral da Bacia) – Praça Iguatemi Martins

TABELA 1 – Cadastro de patrimônio edificado, Bacia do Mercado.

A tabela que se segue é composta pelo registro dos prédios da Praça Iguatemi Martins, onde se insere a Bacia do Mercado, abordando elementos de identificação de uso, intervenções, impactos, estado de conservação e medidas propostas para a recuperação do imóvel. Obviamente as medidas propostas, no entanto, estão baseadas na recuperação da área como um todo, uma vez que se trata de uma área e de imóveis protegidos por Lei em níveis 2 e 3 (vide legislação apresentada anteriormente). Nesse caso é imprescindível um projeto global prevendo recuperar os imóveis mais importantes em sua concepção original, obviamente não inviabilizando o uso.

Foto	Endereço	Nível de Proteção	Uso atual	Intervenções sofridas	Impactos	Estado de conservação	Medidas propostas
Conjunto Norte (lateral da Bacia)							
	Praça Iguatemi Martins, 01 e 05– Vila Nova - Santos	NP 2	Residencial e comercial	Descaracterização dos vãos; remoção parcial de molduras	Poste, fiação, placa de comunicação e	Ruim	Recuperação de toda a fachada (molduras, pintura e readequação dos vãos superiores)

	Praça Iguatemi Martins, 08 – Vila Nova - Santos	NP3	Comercial	Fachada totalmente descaracterizada ou trata-se de edificação recente.	Fiação, placa de comunicação e estacionamento	Razoável	Limpeza e pintura
	Praça Iguatemi Martins, 11 – Vila Nova - Santos	NP2	Comercial	Descaracterização dos vãos do piso térreo; remoção parcial de molduras	Poste, fiação e estacionamento	Razoável	Recuperação de toda a fachada (pintura nas tonalidades originais)
	Praça Iguatemi Martins, 14 – Vila Nova - Santos	NP3	Comercial	Descaracterização dos vãos e remoção das molduras	Poste, fiação, placa de comunicação e estacionamento	Ruim	Pintura

	Praça Iguatemi Martins, 17 – Vila Nova - Santos	NP2	Comercial	Substituição de esquadrias	Fiação, Placa de comunicação e estacionamento	Razoável	Recuperação de toda a fachada (pintura e argamassa)
	Praça Iguatemi Martins, 20 – Vila Nova - Santos	NP2	Comercial e residencial	Substituição de esquadria	Fiação, Placa de comunicação e estacionamento	Razoável	Recuperação de toda a fachada (pintura nas tonalidades originais e recolocação de esquadria original no piso superior)
	Praça Iguatemi Martins, 23 – Vila Nova - Santos	NP2	Comercial e residencial	Substituição das portas no piso térreo	Fiação e estacionamento	Ruim	Recuperação de toda a fachada (argamassa e pintura nas tonalidades originais)

	<p>Praça Iguatemi Martins, 26 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP3</p>	<p>Comercial</p>	<p>Trata-se de construção recente, diferindo dos imóveis oriundos das primeiras décadas do século XX</p>	<p>Fiação e estacionamento</p>	<p>Razoável</p>	<p>Limpeza e pintura</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 27,29, 35,36– Vila Nova - Santos</p>	<p>NP3</p>	<p>Comercial</p>	<p>Somente Terreno</p>	<p>Fiação e estacionamento</p>	<p>Razoável</p>	<p>Limpeza e pintura do muro da testada</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 38 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP3</p>	<p>Comercial</p>	<p>Descaracterização dos vãos</p>	<p>Poste, Fiação, faixa de comunicação e estacionamento</p>	<p>Razoável</p>	<p>Limpeza e pintura</p>

	<p>Praça Iguatemi Martins, 40 e 42 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP3</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Trata-se de construção recente, diferindo dos imóveis oriundos das primeiras décadas do século XX</p>	<p>Fiação e estacionamento</p>	<p>Razoável</p>	<p>Limpeza e pintura</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 45 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP3</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Trata-se fachada completamente descaracterizada ou construção recente, diferindo dos imóveis oriundos das primeiras décadas do século XX</p>	<p>Poste, Fiação, faixa de comunicação e estacionamento</p>	<p>Bom</p>	<p>Limpeza</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 48, 51 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP2</p>	<p>Comercial</p>	<p>Descaracterização dos vãos e portas</p>	<p>Fiação e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Recuperação de toda a fachada (argamassa e pintura nas tonalidades originais)</p>

Conjunto Norte (lateral do Prédio do Mercado)							
	Praça Iguatemi Martins, 53 – Vila Nova - Santos	NP3	Comercial e residencial	Trata-se fachada completamente descaracterizada ou construção recente, diferindo dos imóveis oriundos das primeiras décadas do século XX	Fiação e estacionamento	Ruim	Limpeza e pintura
	Praça Iguatemi Martins, 56 – Vila Nova - Santos	NP3	Comercial	Trata-se de construção recente diferindo dos imóveis oriundos das primeiras décadas do século XX	Fiação e estacionamento	Razoável	Limpeza e pintura
	Praça Iguatemi Martins, 58 e 60 – Vila Nova – Santos	NP3	Comercial	Descaracterização dos vãos	Poste, Fiação, alpendre e estacionamento	Ruim	Limpeza, pintura e readequação do alpendre

	<p>Praça Iguatemi Martins, 68 e 66 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP3</p>	<p>Comercial</p>	<p>Trata-se de construção recente diferindo dos imóveis oriundos das primeiras décadas do século XX</p>	<p>Poste, Fiação e estacionamento</p>	<p>Ótimo</p>	<p>Limpeza</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 71 e 73 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP3</p>	<p>Sem uso identificado</p>	<p>Trata-se de construção recente diferindo dos imóveis oriundos das primeiras décadas do século XX</p>	<p>Poste, Fiação e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Atribuir-lhe uso e recuperar a fachada</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 76,77,78,79,82,83, 84,85,88 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Sem intervenções físicas aparentes</p>	<p>Poste, Fiação e estacionamento</p>	<p>Bom</p>	<p>Pintura nas tonalidades originais</p>

Conjunto Oeste (Frente do Prédio do Mercado)							
	Praça Iguatemi Martins, 93 – Vila Nova - Santos	NP 2	Comercial e residencial	Descaracterização das esquadrias do piso térreo	Poste, Fiação, placas de comunicação o visual e estacionamento	Ruim	Recuperação de toda a fachada (argamassa e pintura nas tonalidades originais)
	Praça Iguatemi Martins, 99,100 – Vila Nova - Santos	NP 3	Residencial	Trata-se de fachada completamente descaracterizada ou construção recente diferindo dos imóveis oriundos das primeiras décadas do século XX	Fiação e estacionamento	Ruim	Recuperar toda a fachada (argamassa e pintura)
	Praça Iguatemi Martins, 102 – Vila Nova - Santos	NP 3	Comercial	Trata-se de fachada completamente descaracterizada	Fiação e estacionamento	Ruim	Limpeza e pintura

	<p>Praça Iguatemi Martins, 103,104 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 3</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Trata-se de fachada completamente descaracterizada ou construção recente diferindo dos imóveis oriundos das primeiras décadas do século XX</p>	<p>Fiação e estacionamento</p>	<p>Razoável</p>	<p>Limpeza e pintura</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 105,107,109 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 3</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Descaracterização dos vãos de porta do piso térreo</p>	<p>Poste, fiação e estacionamento</p>	<p>Razoável</p>	<p>Recuperar toda a fachada (argamassa e pintura)</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 111 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 3</p>	<p>Comercial</p>	<p>Trata-se de fachada completamente descaracterizada ou construção recente diferindo dos imóveis oriundos das primeiras décadas do século XX</p>	<p>Fiação e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Limpeza e pintura</p>

	<p>Praça Iguatemi Martins, 114 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 3</p>	<p>Comercial</p>	<p>Trata-se de fachada completamente descaracterizada ou construção recente diferindo dos imóveis oriundos das primeiras décadas do século XX</p>	<p>Poste, Fiação e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Limpeza e pintura</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 116,117 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Sem intervenções aparentes</p>	<p>Fiação e estacionamento</p>	<p>Razoável</p>	<p>Limpeza e pintura nas tonalidades originais</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 119,120 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 3</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Descaracterização dos vãos</p>	<p>Poste, fiação e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Limpeza e pintura</p>

	<p>Praça Iguatemi Martins, 122,124,126 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 3</p>	<p>Comercial</p>	<p>Trata-se construção recente diferindo dos imóveis oriundos das primeiras décadas do século XX</p>	<p>Poste, Fiação e estacionamento</p>	<p>Bom</p>	<p>Pintura com tonalidades pastel harmonizando com os imóveis do entorno</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 127,132 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Vãos do piso térreo</p>	<p>Fiação e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Recuperação de toda a fachada (argamassa e pintura nas tonalidades originais)</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 133,136 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Sem intervenções aparentes</p>	<p>Fiação e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Recuperação de toda a fachada (argamassa, reconstituição de elementos decorativos e pintura nas tonalidades originais)</p>

	<p>Praça Iguatemi Martins, 137,140 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Sem intervenções aparentes</p>	<p>Poste, Fiação, estacionamento e toldo</p>	<p>Razoável</p>	<p>Recuperação de toda a fachada (Limpeza e pintura nas tonalidades originais)</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 141,144 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Portas do piso térreo</p>	<p>Fiação, placa de comunicação e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Recuperação de toda a fachada (argamassa, reconstituição de elementos decorativos e pintura nas tonalidades originais)</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 145,148 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Portas do piso térreo</p>	<p>Poste, fiação, placa de comunicação, alpendre e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Recuperação de toda a fachada (argamassa, recuperação esquadrias, reconstituição de elementos decorativos e pintura nas tonalidades originais)</p>

	<p>Praça Iguatemi Martins, 149,152 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Portas do piso térreo</p>	<p>Fiação, placa de comunicação e estacionamento</p>	<p>Razoável</p>	<p>Recuperação de toda a fachada (argamassa, reconstituição de elementos decorativos e pintura nas tonalidades originais)</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 154 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Vãos do piso térreo</p>	<p>Poste, fiação, placa de comunicação, toldo e estacionamento</p>	<p>Razoável</p>	<p>Recuperação de toda a fachada (argamassa, reconstituição de elementos decorativos e pintura nas tonalidades originais)</p>
<p>Conjunto Sul (Lateral do Prédio do Mercado)</p>							
	<p>Praça Iguatemi Martins, 157 a 169 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Vãos e pastilha no piso térreo</p>	<p>Poste, fiação, placa de comunicação, alpendre, estacionamento e anexo sobre a platibanda</p>	<p>Razoável</p>	<p>Recuperação da fachada (argamassa, reconstituição de elementos decorativos e pintura nas tonalidades originais)</p>

	<p>Praça Iguatemi Martins, 171 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 3</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Trata-se de fachada completamente descaracterizada</p>	<p>Poste, Fiação e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Limpeza e pintura</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 173, 174 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 3</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Trata-se de fachada completamente descaracterizada</p>	<p>Fiação, placa de comunicação e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Limpeza e pintura</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 176 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 3</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Trata-se de fachada completamente descaracterizada</p>	<p>Fiação, placa de sinalização e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Limpeza e pintura</p>

	<p>Praça Iguatemi Martins, 179 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 3</p>	<p>Comercial</p>	<p>Trata-se construção recente diferindo dos imóveis oriundos das primeiras décadas do século XX</p>	<p>Fiação, placa de comunicação e estacionamento</p>	<p>Bom</p>	<p>Pintura com tonalidades pastel harmonizando com os imóveis do entorno</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 182,183,184,186,189,191,193 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Descaracterização dos vãos e substituição de esquadrias no piso térreo</p>	<p>Poste, Fiação, toldos e estacionamento</p>	<p>Razoável</p>	<p>Limpeza e pintura nas tonalidades originais</p>
<p>Conjunto Sul (Lateral da Bacia)</p>							
	<p>Praça Iguatemi Martins, 197,200,202 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Descaracterização dos vãos</p>	<p>Poste, Fiação, alpendre e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Recuperação de toda a fachada (argamassa, vãos, reconstituição de elementos decorativos e pintura nas tonalidades originais)</p>

	<p>Praça Iguatemi Martins, 203,205 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Sem intervenções aparentes</p>	<p>Poste, Fiação, alpendre e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Recuperação de toda a fachada (argamassa, recuperação de esquadrias, reconstituição de elementos decorativos e pintura nas tonalidades originais)</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 208,210 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Fechamento dos balaustres do guarda corpo</p>	<p>Fiação e estacionamento</p>	<p>Razoável</p>	<p>Recuperação de toda a fachada (argamassa, recuperação dos balaustres, reconstituição de elementos decorativos e pintura nas tonalidades originais)</p>

	<p>Praça Iguatemi Martins, 213 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Sem intervenções aparentes</p>	<p>Fiação e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Recuperação de toda a fachada (argamassa, reconstituição de elementos decorativos e pintura nas tonalidades originais)</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 216,219 – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Descaracterização dos vãos no piso superior e remoção de elementos decorativos</p>	<p>Poste, fiação e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Recuperação de toda a fachada (argamassa, reconstituição de elementos decorativos e pintura nas tonalidades originais)</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 222 (Esquerda) – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Descaracterização dos vãos</p>	<p>Fiação, placas e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Recuperação da fachada (argamassa, reconstituição de elementos decorativos, recomposição dos vãos, e pintura nas tonalidades originais)</p>

	<p>Praça Iguatemi Martins, 225 (Direita) – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 3</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Descaracterização dos vãos</p>	<p>Fiação, placas e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Recuperação de toda a fachada (argamassa, reconstituição de elementos decorativos, recomposição dos vãos, e pintura nas tonalidades originais)</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 228,229 (Direita) – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Descaracterização dos vãos e esquadrias do piso térreo</p>	<p>Fiação, placa de comunicação e estacionamento</p>	<p>Ruim</p>	<p>Recuperação de toda a fachada (argamassa, reconstituição de elementos decorativos e pintura nas tonalidades originais)</p>
	<p>Praça Iguatemi Martins, 227,230,231 (Esquerda) – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 3</p>	<p>Comercial e residencial</p>	<p>Trata-se de fachada completamente descaracterizada</p>	<p>Fiação, vegetação e estacionamento</p>	<p>Razoável</p>	<p>Limpeza e pintura</p>

	<p>Quadrilátero da Bacia – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>	<p>Atraque de embarcações de pequeno porte</p>	<p>Colocação de balaustres em toda área envoltória</p>	<p>Barracas instaladas na área envoltória</p>	<p>Ruim</p>	<p>Limpeza da pedras de contenção área; pintura dos muros; remoção das barracas da área envoltória; recuperação dos trechos degradados da rampa e projeto paisagístico específico para a bacia</p>
	<p>Prédio do Mercado I – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP2</p>	<p>Comercial</p>	<p>Sem intervenções aparentes ou impactantes</p>	<p>Poste, fiação e estacionamento</p>	<p>Razoável</p>	<p>Recuperação de toda a fachada</p>

	<p>Prédio do Mercado II – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>	<p>Comercial</p>	<p>Sem intervenções aparentes ou impactantes</p>	<p>Poste, fiação e estacionamento</p>	<p>Razoável</p>	<p>Recuperação de toda a fachada</p>
	<p>Plataforma de saída do Rio dos Soldados – Vila Nova - Santos</p>	<p>NP 2</p>		<p>Sem intervenções aparentes ou impactantes</p>	<p>Poste, fiação e estacionamento</p>	<p>Razoável</p>	<p>Recuperação de todo o elemento (limpeza, escovamento das pedras e recuperação dos balaustres)</p>

- Canal do Mercado

Já no que se refere especificamente ao canal do Mercado, está implantado em meio à Av. Ulrico Mursa, entre os bairros do Paquetá e Outeirinhos, constituídos a partir de um grande aterro para implantação das estruturas portuárias, onde atualmente estão localizados os conglomerados dos armazéns do porto. Originalmente o canal apresentava-se mais aberto, com apenas pequenas pontes, aparentemente de estrutura metálica nas avenidas Guilherme Weinschenck, Silvério de Souza e Avenida Cidade de Santos, atualmente fechados por pontes em alvenaria de concreto, diminuindo consideravelmente os espaços abertos do canal em questão.



Foto 14: Vista aérea do canal do mercado – Revista das Docas de Santos (1966)



Foto 15: Vista aérea do canal do mercado – Situação atual

Além disso, e como já apontado anteriormente, desde o momento de sua construção, face ao acentuado processo de urbanização e ampliação das instalações portuárias, o canal e sua área envoltória passaram por um grande processo de transformação do espaço, promovendo inúmeros impactos e alterando consideravelmente vários aspectos e elementos da paisagem cultural em que estava inserido o canal, no início do século XX.

Neste caso, há de ressaltar que o canal, juntamente com a bacia do Mercado, estão integrados aos armazéns portuários e a todo um conjunto de imóveis, na maioria assobradados, que até meados do século passado configuravam uma certa harmonia a um cenário cultural que testemunhava a importância social, cultural e econômica daquele espaço urbano.

Em geral, as edificações ali existentes constituem marcos do ecletismo e das novas formas de construir, associados aos valores plásticos e estéticos de uma burguesia urbana que em geral, ligada ao comércio local, pouco a pouco vai se afirmando e imprimindo suas marcas na paisagem local.



Foto 16: Catraias e Bacia do Mercado (início do século XX)



Foto 17: Aspectos atuais da Bacia do Mercado

Dentro de uma visão global e integrada, o canal se configura como um dos elementos constituintes da paisagem, sobretudo dada a sua relevância enquanto testemunho de um dos momentos que marcaram a necessidade de realizar obras de saneamento nas cidades brasileiras, como é o caso do município de Santos e das obras de Saturnino de Brito.

Da mesma forma, os armazéns portuários que originalmente propiciavam uma situação harmônica com o trajeto do canal sofreram, ao longo do tempo, reformas, interpolações e novas construções que, em associação a outros elementos (placas, estacionamento, invasões, depósito de material), pouco a pouco foram promovendo um “estrangulamento” da ambiência local e, conseqüente, impacto na paisagem. Quanto ao canal, embora estruturalmente não tenha sido objeto de grandes alterações, pois continua apresentando as características construtivas originais (alvenaria de pedra), apresenta também em todo o seu trajeto várias interpolações e intervenções, sobretudo externas, que promoveram sua descaracterização e inúmeros impactos contribuindo para a degradação e desvalorização da área.



Foto 18: Aspectos atuais de exemplares do conjunto urbanístico

Foto 19: Aspectos atuais de exemplares arquitetônicos



Foto 20: Galpão com estrutura diversa da concepção do conjunto

3. BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE**, Carlos Roberto Monteiro de, “Plano de Saturnino de Brito para Santos e a construção da cidade moderna no Brasil”, in: *Espaço & Debates*, v. 11, n. 34, p. 55-63, 1991.
- _____, *A peste e o plano: o urbanismo sanitário do engenheiro Saturnino de Brito*, dissertação de mestrado, São Paulo: FAU/USP, 1992.
- ARAUJO FILHO**, José Ribeiro de, *Santos, o porto do café*, tese de livre docência, Rio de Janeiro: s/n, 1967.
- BERNARDINI**, Sidney Piochi. *Os planos da cidade: as políticas de intervenção urbana em Santos - de Estevan Fuertes a Saturnino de Brito (1892-1910)*. Tese de doutorado, São Paulo : FAU/USP, 2003.
- BOXER**, Charles, *O Império marítimo português, 1415-1825*, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BRITO**, Francisco Saturnino Rodrigues de, *Planta de Santos*, São Paulo: Typographia Brasil, 1915.
- _____, *Obras completas*, Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1942.
- CRUZ**, Maria Cecília Velasco e, *Virando o jogo: estivadores e carregadores no Rio de Janeiro da primeira república*, tese de doutorado, São Paulo: FFLCH/USP, 1998.
- FAUSTO**, Boris, *Trabalho urbano e conflito social: 1890-1920*, São Paulo: Difel, 1986.
- FOOT-HARDMAN**, Francisco, *Nem pátria, nem patrão: memória operária, cultura e literatura no Brasil*, São Paulo: Unesp, 2002.
- FREYRE**, Gilberto de Melo, *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, 50ª.ed, São Paulo: Global, 2005.
- _____, *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*, 14ª.ed, São Paulo: Global, 2003.
- _____, *Ordem e Progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semi-patriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da monarquia para a república*, 6ª. Ed, São Paulo: Global, 2004.
- HOBBSAWM**, Eric J., *A era das Revoluções, Europa 1789-1848*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HOLANDA**, Sérgio Buarque de, , *Raízes do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____, “Movimentos da população em São Paulo no século XVII”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 1:55-111, São Paulo: 1966.
- LE GOFF**, Jacques e **NORA**, Pierre (Dir.), *História: novos objetos*. Trad.Terezinha Marinho, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

- _____, *História: novos problemas*. Trad. Terezinha Marinho, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- _____, *História: novas abordagens*. Trad. Terezinha Marinho, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- LEMOS**, Carlos A. C. Cozinhas, etc. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.
- _____, *História da Casa Brasileira*. São Paulo: Ed. Contexto, 1989.
- _____, *Casa Paulista*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- _____, *Alvenaria Burguesa*. São Paulo. Nobel, 1985.
- LOPES**, Beltrada, *O porto de Santos e a febre amarela*, dissertação de mestrado, São Paulo: FFLCH/USP, s/n.
- MARCOS**, Plínio, *Querô*, São Paulo: Edição do autor, 1982.
- MENDES**, Denise, *A Calçada do Lorena: o caminho de tropeiros para o comércio do açúcar paulista*, dissertação de mestrado, São Paulo: FFLCH/USP, 1994.
- MENESES**, Ulpiano T. B. de, "A cidade como bem cultural – Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano", in: **MORI**, Victor Hugo *et alli* (org), *Patrimônio: atualizando o debate*, São Paulo: IPHAN, 2006. pp. 33-76.
- NOVAIS**, Fernando Antonio, *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*, 6ª. Ed, São Paulo: Hucitec, 1995.
- PAIVA**, Celso Lago. *História da Técnica das Construções coloniais em São Paulo*. Indaiatuba, Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, 1996.
- PEREIRA**, Maria Aparecida Franco, *Comissário de café no porto de Santos: 1870-1920*, dissertação de mestrado, São Paulo: FFLCH/USP, 1980.
- PETRONE**, Maria Theresa Schorer, *A lavoura canavieira em São Paulo: expansão e declínio (1765-1851)*, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.
- PINHEIRO**, Maria Luiza Ugarte, *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus, 1899-1925*, Manaus: Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado da Cultura: EDUA, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.
- PRADO JR.**, Caio, *Evolução Política do Brasil e outros estudos*, São Paulo: Brasiliense, 1972.
- _____, *Formação do Brasil Contemporâneo: colônia*, São Paulo: Publifolha, 2000.
- REIS FILHO**, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Ed. Perspectiva, São Paulo, 2002.
- SARTI**, Ingrid, *Porto vermelho: os estivadores santistas no sindicato e na política*, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.

SILVA, Ivani Ribeiro da, *Movimento operário de Santos no início do sec. XX*, dissertação de mestrado, São Paulo: FFLCH/USP, 1998.

UJVARI, Stefan Cunha, *A história e suas epidemias: a convivência do homem com os microorganismos*, Rio de Janeiro: Ed. Senac, 2003.

VASCONCELLOS, Silvio de. *Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos*. Belo Horizonte, 1979.

ZANETTINI, Paulo Eduardo, *Calçada do Lorena: o caminho para o mar*, dissertação de mestrado, São Paulo: FFLCH/USP, 1998.

Pesquisa Internet:

www.novomilenio.inf.br/santos (acesso 08 de agosto de 2009 às 10:22 AM)